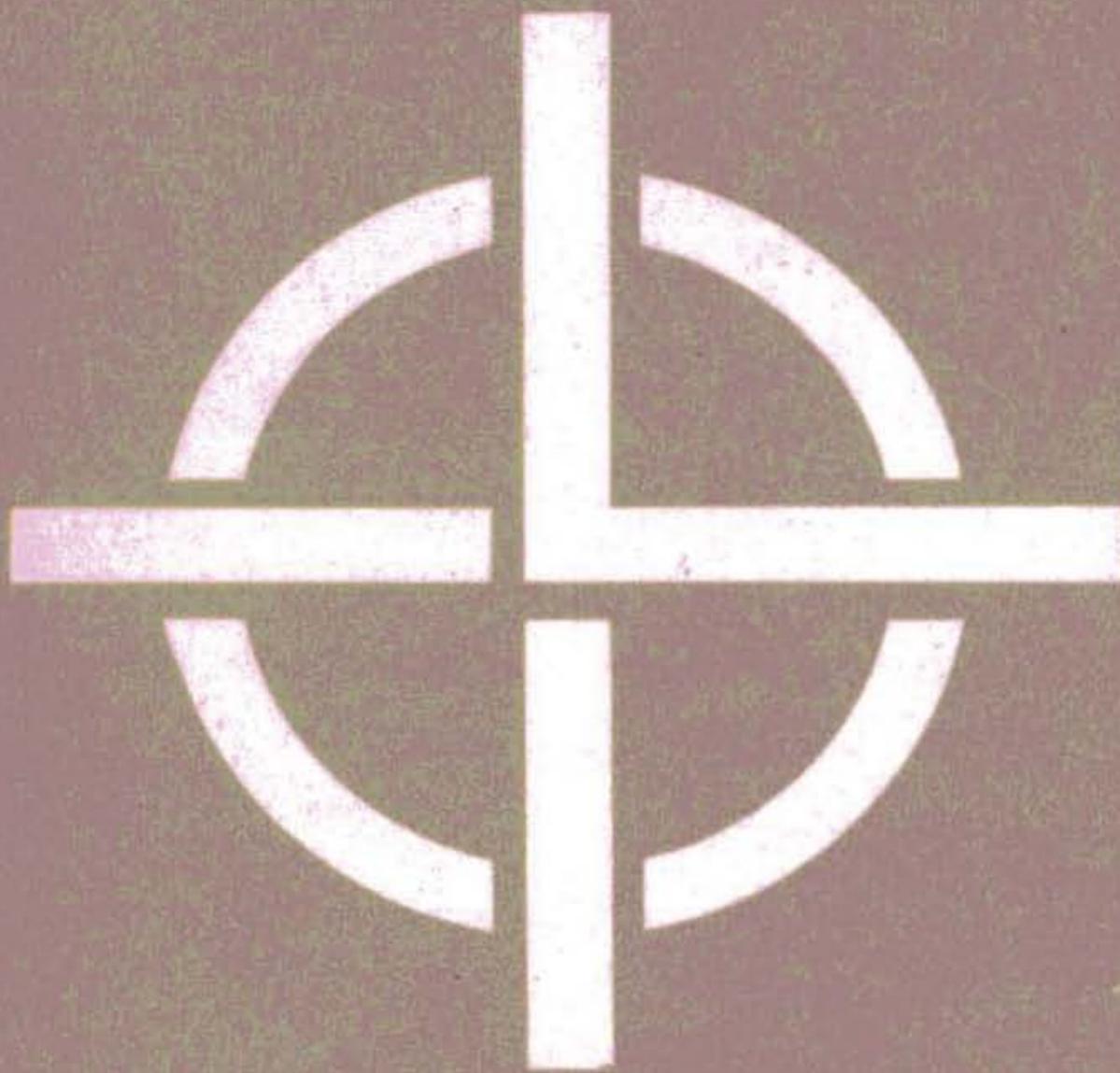


convergência

JUN — 1973 — ANO VI — N.º 58



Página 265:

- **MISSÃO: PROCLAMAÇÃO DO REINO OU PROMOÇÃO HUMANA?** Cláudio Perani, SJ

Página 274:

- **PRIORIDADES MISSIONÁRIAS DO MUNDO SECULAR E TÉCNICO,** J. B. Libânio, SJ

Página 289:

- **EDUCAÇÃO, DESAFIO MISSIONÁRIO E INTERROGAÇÃO,** Vilma Moreira da Silva, FI

Página 298:

- **COMUNIDADE DE BASE, CHANCE**

Diretor-Responsável:
Frei Constâncio Nogara

Redator-Responsável:
Padre Marcos de Lima

Direção, Redação, Administração:
Rua Dom Gerardo, 40 — 5.º andar
(ZC-05) — 20 000 — RIO DE JA-
NEIRO — GB

Assinaturas para 1973:

Brasil: via terrestre Cr\$ 40,00
 via aérea Cr\$ 45,00
Exterior: US\$ 12,00
Avulso Cr\$ 4,00

Os artigos assinados são da res-
ponsabilidade pessoal de seus au-
tores.

Composição: Compositora Helvé-
tica Ltda., rua Aníbal Benévolo, 173
Rio de Janeiro - GB.

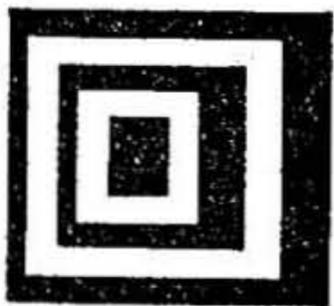
Impressão: Oficinas Gráficas da
Editora VOZES Ltda., rua Frei Luís,
100 — 25600 — Petrópolis, RJ.



SUMÁRIO

EDITORIAL	257
INFORME DA CRB	259
MISSÃO: PROCLAMAÇÃO DO REINO OU PROMOÇÃO HUMANA? , Cláudio Perani, SJ	265
PRIORIDADES MISSIONÁRIAS DO MUNDO SECULAR E TÉCNICO , J. B. Libânio, SJ	274
A EDUCAÇÃO: DESAFIO MIS- SIONÁRIO E INTERROGA- ÇÃO , Vilma Moreira da Sil- va, FI	289
COMUNIDADE DE BASE, UMA CHANCE DE RENOVAÇÃO PARA A VIDA RELIGIOSA? , Jeanne Marie Thierny, OSU	298
VIDA RELIGIOSA: EXPERIÊN- CIAS E TESTEMUNHOS ..	302

1. A Oração, 2. O hinduísmo e o monaquismo cristão. 3. A velhice na vida religiosa. 4. O papel dos religiosos no testemunho da justiça.



EDITORIAL

A vocação fundamental do homem na terra se desenvolve em três dimensões: “relações com Deus, relações com os homens, relações com o mundo das coisas”, (**Vida Segundo o Espírito, n.º 74**). Quando o homem se situar de modo harmonioso nestas três direções, estará vivendo **no e segundo** o Espírito. Isto vale também, de modo muito profundo, para o religioso.

Deus criou o homem e lhe deu o domínio do universo, para que testemunhasse, através de sua ação sobre as coisas e seu relacionamento com os irmãos, sua procedência divina. Cristo veio salvar o homem todo e não apenas a alma do homem.

Para nós talvez seja ainda um pouco difícil nos acostumar à linguagem do Vaticano II. Não raro temos dificuldade em redimensionar nossa missiologia tradicional de “salva tua alma”, “viver na terra como se vivêssemos no céu”. Esta interpretação teológica que nos levava a afirmar que a salvação só se operava dentro da Igreja, através dos sacramentos, produziu grandes santos e anunciou a mensagem evangélica a seu modo e em seu tempo.

Hoje sem deixar de afirmar a necessidade da conversão,

dos sacramentos, a teologia focaliza o homem, não em partes, mas como um todo saído das mãos de Deus, colocado no mundo, para viver no mundo e ali testemunhar o amor, a esperança e assim chegar à salvação.

Esta linguagem o homem moderno, envolto na técnica, compreende melhor. O fato de ele estar aplicando sua inteligência e vontade no avanço do progresso, ajudando os semelhantes a serem mais fraternos, convicto de que neste trabalho completa a salvação trazida por Cristo, torna-se ele mensageiro, missionário do bem.

Os cristãos hoje temos maior consciência de que o homem como um todo é a mais bela manifestação da bondade divina. Por isso aceitamos a afirmação do Vaticano II, sem nos escandalizar:

— Enganam-se os cristãos que, pretextando não termos morada permanente, pois buscamos a futura, consideram que podem descuidar-se das tarefas temporais, **GS n.º 43.**

Faltar neste ponto é faltar às nossas obrigações para com o próximo e com Deus. Seguindo esta linha bíblico-teológica, o missionário de hoje contempla o mundo como um todo, sem confundir entre si Deus, homem, coisas.

Neste sentido compreendemos a atitude de milhares de religiosos e religiosas que buscam viver o evangelho simplesmente pelo testemunho de uma vida pobre, fraterna; simplesmente vi-

ver com os irmãos, não querendo mensurar a ação de Deus, pelo efeito numérico. Cremos que as centenas de pequenas comunidades espalhadas pelo Brasil buscam ser missionárias; igualmente o trabalho dos educadores que tentam “educar para o hoje de Deus na história dos homens, com um enfoque prospectivo para o amanhã” (Irmã Vilma). Ou como nos dirá o Pe. Cláudio: “Para nós (religiosos) não há outro caminho a não ser a decisão de deixar nossa vida e ir viver com os pobres.”

Ou na palavra incisiva do Pe. Libânio: “O homem só se entende como espírito no mundo. Não pode pensar, ser, agir, viver, senão no mundo. Ser-no-mundo não é uma contingência, é algo fundamental, ontológico. É no mundo secularizado e técnico que os religiosos buscam as prioridades de suas atividades missionárias.”

Os três artigos de fundo deste número: o do **Pe. Cláudio Perani**, o do **Pe. J. B. Libânio** e o da **Irmã Vilma Moreira** enfocando missão e promoção humana, missão num mundo secularizado e técnico e o desafio missionário da Educação, além de nos interrogarem de um modo franco sobre nosso comportamento missionário abrem pistas ainda para nosso trabalho amanhã.

Escreva-nos sempre dando seu parecer sobre **Convergência**. Queremos servir sempre melhor.

Frei Constâncio Nogara

INFORME

CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

V ENCONTRO DAS MADRES GERAIS BRASILEIRAS

De 24 a 30 de abril, próximo passado, realizou-se no Rio de Janeiro, o **V Encontro das Madres Gerais Brasileiras**. Entre Madres Gerais e representantes participaram 42. O total das Congregações Brasileiras atinge hoje 63.

PARTICIPANTES

ANA MARIA DE OLIVEIRA, Servas da Sagrada Família. ÂNGELA DETÓFULI, Franciscanas Filhas da Divina Providência. ANTÔNIA MARIA FERREIRA DA SILVA, Franciscanas de Nossa Senhora Aparecida. BERNARDETE PELENSE, Franciscanas da Santíssima Trindade. CELSINA CORRÊA NOGUEIRA, Irmãzinhas de Jesus Adolescente. CLEIDE TEIXEIRA BARBOSA, Instituto das Missionárias de Nossa Senhora de Fátima do Brasil. ELIZABETH BORTOLINI, Franciscanas do Apostolado Paroquial. ELZA GIOVANELLA, Catequistas Franciscanas. IVONE DAS DORES DRUMONT, Missionárias de Nossa Senhora das Dores. JERÔNIMA KAHL, Servas de Nossa Senhora da Anunciação. MARIA AGUYDO DOS SANTOS, Servas da Santíssima Trindade. MARIA AMÉLIA SANTÍSSIMA TRINDADE, Irmãs de Santa Zita. MARIA APARECIDA GUIMARÃES, Missionárias de Jesus Cruci-

ficado. MARIA BEATRIZ CHAGAS LOPES, Servas de Maria do Brasil. MARIA DE OLIVEIRA SILVA, Filhas do Imaculado Coração de Maria. MARIA FELICIDADE MARTINS DE MELLO, Irmãs de Santa Isabel. MARIA HENRIQUETA NUNES LEAL, Carmelitas da Divina Providência. MARIA DE CARVALHO, Mercedárias Missionárias do Brasil. MARIA LÚCIA COSTA, Sacramentinas de Nossa Senhora.

MARIA LÚCIA PACHECO, Irmãs Auxiliares de Nossa Senhora da Piedade. MARIA LUÍZA ROCHA, Congregação dos Santos Anjos. LUZIA GOMES DOS SANTOS, Missionárias do Coração Eucarístico de Jesus. MARIA LEÔNIA XAVIER DE ALMEIDA, Franciscanas do Sagrado Coração de Jesus. MARIA MADALENA SOFIA DA CRUZ, Pequenas Missionárias de Maria Imaculada. MIRTES DA SILVA GOMES, Legião de Nossa Senhora Rainha dos Corações. NAIR ROSÁLIA FALCÃO, Franciscanas de Nossa Senhora do Bom Conselho. MARIA TERESA DO ESPÍRITO SANTO, Carmelitas Servas dos Pobres. MARIA VERÔNICA DOS SANTOS, Irmãs de Nossa Senhora da Glória. MARIA VIRGÍNIA DO CARMO MENDES, Irmãzinhas das Imaculada Conceição. MARTA MARIA BRACCINI, Irmãs do Imaculado

Coração de Maria. THEOSETE GOMES DE OLIVEIRA, Sociedade de Santa Teresinha. YOLANDA BITTENCOURT BOMBINHO, Irmãs de Nossa Senhora dos Humildes. CARMELINDA ROSSATO, Irmãs do Imaculado Coração de Maria. MARIA LUDMILA DO PRADO, Franciscanas da Ação Pastoral. MAGNÓLIA ARGOLO SOARES, Irmãs de Nossa Senhora dos Humildes. MARIA CAPESTRINI, Catequistas Franciscanas. MARIA DA CONCEIÇÃO AIRES DE CASTRO, Filhas do Coração Imaculado de Maria. MARIA LETÍCIA TORRES, Irmãs Sacramentinas de Nossa Senhora. MARIA MAURÍCIA VIEIRA, Carmelitas da Divina Providência. SABINA ITADMANN, Irmãs da Divina Providência. **Coordenadora do Encontro:** NILZA JUNQUEIRA REIS, Irmãs da Assunção de Nossa Senhora.

PROGRAMA

Por solicitação do Encontro anterior, em 1972, o tema central deste foi o Documento da CLAR: **Vida No e Segundo o Espírito Nas Comunidades Religiosas da América Latina.**

Dia 24: Apresentação do Documento e Relacionamento Interpessoal, Frei Constâncio Nogara. **Dia 25:** Vida Religiosa e Igreja Local, Pe. Joseph Romer. Na parte da tarde houve uma troca de experiências de vida religiosa e uma exposição sobre a CRB pelo Pe. Marcello de Carvalho Azevedo. **Dias 26 e 27:** Consagração e votos, Frei Leonardo Boff. **Dia 28:** Exclaustração e ausência da comunidade, Frei Fábio Panini. **Dia 29:** Discernimento comunitário, Pe. Luciano Mendes de Almeida.

Dia 30: Houve a eleição das duas representantes como Delegadas junto à União Internacional das Superiores Ge-

rais (UISG) e das respectivas suplentes. Foram eleitas: Primeira Delegada: Irmã Maria Aparecida Guimarães, Superiora Geral das Irmãs de Jesus Crucificado. Segunda Delegada: Irmã Elza Giovanella, Superiora Geral das Catequistas Franciscanas. Primeira Suplente: Irmã Marta Braccini, Superiora Geral das Irmãs do Imaculado Coração de Maria. Segunda Suplente: Irmã Maria Lúcia Costa, Superiora Geral das Sacramentinas de Nossa Senhora.

CONCLUSÕES APROVADAS

Constatamos a necessidade cada vez maior de um conhecimento da pessoa humana, para uma libertação pessoal e, conseqüentemente, maior vivência comunitária. Diante dos estudos verificamos os benefícios que a Psicologia nos pode trazer nesse sentido. Por isso, solicitamos da CRB a realização de cursos intensivos ou treinamentos de sensibilidade em âmbito regional, sob a orientação da nossa irmã psicóloga — Cleide Teixeira Barbosa — às nossas Comunidades.

Solicitamos da CRB, para que no próximo encontro o Frei Fábio Panini continue o assunto iniciado, relativo à Vida Religiosa hoje e ao Direito Canônico.

Solicitamos a CRB que elabore oportunamente e com enfoque atual, temas relativos à Vida Religiosa, sob seu aspecto jurídico que possam ser subsídios às Congregações, para um estudo melhor e mais atualizado de seus interesses específicos neste campo.

Solicitamos à CRB apresentar uma relação de canonistas que possam assessorar as Congregações nos Capítulos Gerais.

Que sejam intensificadas, na Revista **Convergência**, as publicações de novas formas de Vida Religiosa, para estímulo de outras Congregações.

Solicitamos à CRB o apoio e a colaboração de cursos de aprofundamento teológico da Vida Religiosa em âmbito regional e que as religiosas sejam motivadas no sentido de despertarem para a necessidade urgente dos referidos

cursos na atualidade. Cabe às Superiores Gerais incentivar a base, através das coordenadoras locais, a fim de que o maior número de irmãs se interesse pelos cursos em questão.

Propomos que o próximo encontro das Superiores Gerais se realize antes da Assembléia Geral da CRB em 1974, com a duração de dois ou três dias.

CARTA AOS BISPOS

Rio de Janeiro, 30 de abril de 1973

Exmos. e Revmos. Srs. Bispos.
Respeitosas saudações!

Ao ensejo deste nosso Encontro, promovido em colaboração com a CRB-Nacional na Guanabara, de 24 a 30 de abril do corrente ano, nós, Superiores Gerais das Congregações Brasileiras, num clima de estudo e oração, sentimo-nos no dever de expressar a VV. Exas. Revmas.:

— nosso sincero e profundo agradecimento pelo interesse e zelos que vêm demonstrando pela promoção da vida religiosa nas várias dioceses onde estamos engajadas;

— o desejo de inclusão, tanto quanto possível, de religiosas na coordenação de qualquer movimento, que se relacione com a vida consagrada, nas respectivas dioceses;

— em se tratando de Congregações brasileiras, na maioria carentes de recursos financeiros, rogamos, com o devido respeito, nos ajudem a resolver os problemas de manutenção das religiosas que assumem os trabalhos diretos de pastoral. Sabemos, outrossim, que esses problemas já vêm sendo equacionados com carinho por VV. Exas. Revmas, mas julgamos por bem reafirmar nosso pedido, a fim de que as dificuldades ainda existentes sejam sanadas.

Com respeito solicitamos de VV. Exas. Revmas., bênçãos para nós e nossas Congregações. (Segue a assinatura de todas).

Este **V Encontro das Madres Gerais Brasileiras** foi, sem dúvida, o melhor de quantos até hoje se realizaram. Saliemos o ambiente de tranquilidade e fraternidade; uma preocupação profunda de ser parte viva e atuante nas Igrejas locais onde trabalham; ânimo

pleno de esperança na vida religiosa de amanhã; uma consciência mais clara da responsabilidade das Congregações Brasileiras, na busca de novas formas de vida religiosa, mais adaptada à nossa realidade.

Anualmente, cada Regional da CRB (são 14) realiza uma Assembléia de Estudo, revisão e planejamento, para incentivar a vida religiosa. Neste ano a Regional de São Paulo foi a primeira.

No Encontro dos Presidentes e Secretários da CRB, em março deste ano (19-24), onde estudamos o Documento da CLAR, **Vida no e segundo o Espírito nas Comunidades Religiosas da América Latina**, decidiu-se que este documento fosse estudado em todas as Assembléas Regionais.

Data. Local. Participantes. De 16 a 19 de maio, na Casa de Retiros de Itaici, reuniram-se 52 Congregações, perfazendo um total de 110 participantes. Da CRB — Nacional estiveram presentes Padre Marcello de Carvalho Azevedo, Irmã Nilza Junqueira Reis e Frei Constâncio Nogara.

Programa. O tema central da Assembléia foi **Vida no e segundo o Espírito nas Comunidades Religiosas**. No primeiro dia houve uma apresentação do Documento por Frei Constâncio Nogara. A seguir Frei Leonardo Boff desenvolveu dois temas: "Experiência de Deus" e "Consagração e vida religiosa". À noite, o Executivo e a Diretoria apresentaram as realizações e os projetos da Regional.

O segundo dia teve duas exposições do Pe. João Batista Libânio sobre "Discernimento". À noite, os representantes da CRB-Nacional fizeram um relato das respectivas atividades, da situação de ELO-COOPERAÇÃO E INTEGRAÇÃO e

do encaminhamento dos problemas econômico-financeiros.

No terceiro dia houve a eleição da Presidenta da Diretoria da CRB Regional de São Paulo. Foi eleita a Irmã Henriqueta Furtado. Padre Marcello fez uma exposição sobre "como criar condições para recriar a vida religiosa" e o plenário votou algumas proposições referentes à ELO e programas religiosos.

Apreciação. Numericamente a Assembléia deste ano foi menos participada que a de 1972. Quanto aos demais aspectos houve um belo crescimento: a liturgia bem preparada e participada; expositores excelentes; revisão crítica e profunda das atividades da CRB, tanto dos aspectos negativos quanto dos positivos; revisão igualmente da programação para 73-74; adesão consciente à ELO-COOPERAÇÃO E INTEGRAÇÃO.

Algumas proposições aprovadas: PRIMEIRA: Os Provinciais reunidos em Assembléia Regional da CRB-SP se comprometem a dinamizar a implantação na Regional da **ELO-Cooperação e Integração** para garantir à CRB as atividades de promoção da vida religiosa. SEGUNDA: Os Provinciais reunidos em Assembléia Regional da CRB-SP se comprometem a constituir uma equipe de religiosos para executar a implantação da **Elo-Cooperação e Integração** na Regional, junto às Congregações não inscritas. TERCEIRA: A Assembléia marca a data de 30 de junho como limite máximo para saldar seu compromisso de implantação da **Elo-Cooperação e Integração** na Regional. QUARTA: A Assembléia faz a seguinte moção: Que cada Congregação ou Província faça um

sério esforço de discernimento para, evangelicamente, pôr a serviço da continuidade da CRB, uma parte de seus bens que realmente lhe pertencem e pudesse dispensar, em forma de doação ou empréstimo.

Conclusão. Na abertura da Assembléia a Presidenta da CRB Regional São Paulo enfatizou o seguinte, que deixamos aqui como conclusão: "A vida religiosa ou é no Espírito e segundo o Espírito ou já não é Vida Religiosa. Ou ela se define por Deus e pelos irmãos ou se atraiçoa. Ou ela busca decididamente instalar na Terra o Reino de Deus ou perde a Terra e o Reino. Ou ela

anuncia o Evangelho e denuncia o pecado ou não tem sentido. Ou ela é a vida nova dos ressuscitados com Cristo ou é vida gasta, desperdiçada, nula. Ou ela é a religião da jovialidade e da alegria, a novidade que afeta todas as criaturas, inteiramente aberta para Deus, ao homem e ao mundo, ou ela se desvirtuou. Porque a vida religiosa não é uma parcela da vida, senão um modo de ser que abarca sua totalidade. Que brota de uma experiência radical em que se aceita e se proclama a Deus como o único absoluto, por isso que o cristão interpreta, em plano de fé, a vida, o mundo, a História."

ASSEMBLÉIA REGIONAL DE BELO HORIZONTE

1. ORGANIZAÇÃO. Realizada nos dias 22 a 24 de maio, na Casa das Religiosas do Cenáculo em Belo Horizonte, a Assembléia foi um dos pontos altos da vida da CRB neste ano. Participação quase total em regime de tempo integral dos Superiores Maiores residentes na Regional. Presença contínua do Presidente Nacional, Padre Marcello de Carvalho Azevedo, de alguns membros da Diretoria e do Executivo Nacional. A Diretoria e o Executivo Regionais se fizeram notar pelo empenho na preparação e na coordenação da Assembléia. O ambiente de trabalho, a hospedagem fraterna das Irmãs do Cenáculo, contribuíram para criar um clima de encontro propício ao diálogo.

Presença, participação, nível da oração e da liturgia diária assim como a qualidade da reflexão sobre temas muito concretos, tratados com profundidade, deram ao encontro uma densidade extraordinária.

Logo de início os participantes apreciaram uma exposição áudio-visual muito completa e elucidativa sobre as atividades da Regional no período de 1972/1973. Patenteou-se o dinamismo da Regional nas áreas de formação, tanto inicial quanto permanente da vida Religiosa; dinamização do interior através de núcleos diocesanos, educação, saúde, atividade missionária.

2. O PRIMEIRO DIA conduziu à reflexão sobre o tema: "Problemática atual da formação", exposto pelo Padre Joaquim Pereira, SJ. Foram apresentadas cinco dimensões importantes dentro do contexto atual: Dimensão de corpo (Igreja, Congregação); Dimensão de equilíbrio psíquico; Dimensão de reflexão; Dimensão social; Dimensão de coração.

Os participantes, em grupos, analisaram e avaliaram as experiências de formação promovidos pela Regional, em seus aspectos positivos, negativos e apresentaram sugestões para encami-

nhamentos futuros. Em plenário, verificou-se o dinamismo e o crescimento das promoções através de avaliações periódicas e concluiu-se que o positivo superou de muito as falhas de início.

3. OS RELIGIOSOS E A IGREJA LOCAL tema apresentado no segundo dia pelo Padre Raul Mota de Oliveira orientou a reflexão para problemas muito concretos referentes à inserção das comunidades religiosas na Pastoral das Dioceses. Torna-se cada vez mais evidente que à medida em que os religiosos participam da vida da CRB Regional vão paralelamente participando da Pastoral local. Os depoimentos dos coordenadores regionais, muito atuantes, confirmaram a realidade desse serviço da CRB à Igreja local. Dois problemas, no entanto, foram levantados: o porque da participação pequena das congregações masculinas e a colaboração desigual dos Provinciais.

4. NOVAS FORMAS DE VIDA RELIGIOSA, foi a exposição de Frei Vital Wilderink, OC. Levou os participantes a penetrarem no âmago do processo de renovação da vida religiosa que se vai realizando através de experiências várias e surgimento de formas que parecem trazer à Igreja contribuição do carisma religioso para o futuro. Partindo de um enfoque interessante: há perguntas essenciais e perguntas secundárias a respeito da vida religiosa, lembrou que a renovação da vida religiosa se situa na linha da fé que nos torna capazes de relativizar as coisas e firmarmos no único Absoluto que é Deus. Nos grupos e no plenário a problemática das experiências em curso foi tratada a fundo e de maneira muito concreta.

5. ENCONTRO GERAL COM RELIGIOSOS. Atendendo a um desejo da Dire-

toria Nacional de uma aproximação com as bases, realizou-se na noite deste segundo dia um encontro com os religiosos residentes em Belo Horizonte, no Colégio Pio XII. A um auditório de 192 pessoas foi apresentado o novo e dinâmico Presidente da Regional de Belo Horizonte, Pe. Félix Valenzuela, Agostiniano, assim como os membros da Diretoria e Executivo Nacional, presentes na ocasião.

Partindo do pressuposto de que a vida religiosa não pode viver à margem da evolução do mundo, Padre Marcello de Carvalho Azevedo, Presidente Nacional, expôs em linhas gerais o que tem feito a CRB, oferecendo subsídios às Congregações para que a adaptação se faça de modo audaz e equilibrado. Daí as Equipes de Reflexão Teológica, os trabalhos de pesquisa, as publicações, os cursos de formação inicial e permanente, o trabalho de interiorização geográfica para atingir a faixa dos religiosos atuando nas diversas realidades, o relacionamento com outros organismos como a CNBB, a CLAR, a Sagrada Congregação dos Religiosos, de maneira a caminhar em sintonia com a Igreja.

6. CONCLUSÃO. Uma Assembléia tão rica de conteúdo exigia um plenário final à altura. O coordenador, Pe. Joaquim Pereira, SJ conduziu-o de tal modo que, ponto por ponto, se foram concretizando as conclusões de todos os assuntos abordados na Assembléia. Ao terminar, Pe. Félix Valenzuela, ressaltou o espírito de colaboração do Executivo e da Diretoria Regionais que presidiu tanto à preparação quanto à realização da Assembléia, garantindo e motivando a colaboração dos participantes, garantindo a adesão unânime à **ELO-Cooperação e Integração.**

MISSÃO: PROCLAMAÇÃO DO REINO OU PROMOÇÃO HUMANA?

CLÁUDIO PERANI, S.J.

INTRODUÇÃO

O título do artigo poderia nos levar a considerações teóricas e difíceis, sendo o assunto bem complexo e muito tratado na literatura teológica hodierna.

Mas a situação nossa, isto é, de "religiosos" que vivem na América Latina onde "tremendas injustiças sociais (...) mantêm a maioria de nossos povos numa dolorosa pobreza" (Medellin 14,1) não nos permite uma especulação acadêmica. Devemos considerar o nosso tema do ponto de vista mais prático, procurando dar elementos que favoreçam a mudança de mentalidade e de estrutura da vida religiosa no Brasil.

Por essa mesma razão, será **centralmente focalizada a vida religiosa**: sua realização concreta, frente à dicotomia Reino-promoção humana, seu questionamento, suas novas perspectivas. Isso com maior razão, quanto mais a vida religiosa procura renovar-se a partir de uma interiorização sobre si mesma, de uma volta às fontes (escritura, carisma do fundador, oração, Espírito), esquecendo ou colocando em segundo lugar o problema da "promoção humana", que parece reservar-se a outros setores de igreja, mais encarnados no mundo e menos contemplativos.

Não deixa de ser necessária uma colocação inicial do problema, procurando esclarecer os termos e dar a perspectiva atualmente comum na reflexão teológica, sem contudo entrar em questões mais sutis.

1 — PROCLAMAÇÃO DO REINO COMO PROMOÇÃO INTEGRAL DO HOMEM

Em primeiro lugar, o esclarecimento de um possível equívoco que o título do artigo poderia induzir. Parece, usando a conjunção disjuntiva **ou**, seja possível pensar o “Reino” sem a “promoção humana” ou vice-versa. Fique logo bem claro: **não há possibilidade de separação entre os dois termos**. Eventualmente o problema será, saber como se relacionam. Mas não pode haver uma “promoção humana” que já não seja caminho para o “Reino”, nem o advento do “Reino” que não implique uma “promoção humana”.

Isso é pacífico e aceito por todos. Na prática concreta da nossa pastoral constatamos continuamente uma profunda dicotomia. Quando se reflete sobre promoção humana, pensando em termos de economia, sociologia ou política, habitualmente surge o problema de como “encaixar” dentro de tudo isso o Reino, isto é, o evangelho, a catequese, a liturgia... O desenvolvimento do homem e da sociedade é considerado quase como um quadro referencial, extrínseco ao Reino, cuja dimensão acrescenta algo de separado.

Fica-se, na reflexão e na atuação, num **dualismo perigoso e falso**.

Com isso não se quer dizer que promoção humana e Reino de Deus signifiquem a mesma coisa, ou sejam, dois termos perfeitamente idênticos.

Para esclarecer a questão, lembremos, em primeiro lugar, **alguns dados bíblicos**.

No Antigo Testamento o Reino de Javé é algo a ser estabelecido na terra, embora renovada, e compreende todas as dimensões concretas de um reino político e todos os valores humanos como saúde, prosperidade, filhos numerosos, idade avançada, graça, paz, luz, justiça... O elemento religioso não é dado pela constituição de uma “esfera” extra-mundana, senão pela intervenção de Deus na realidade temporal do homem. Mais tarde intervém a perspectiva de um Reino celeste (cf. Daniel, Sabedoria) e a idéia de uma vida ultra-terrena que só poderá dar a verdadeira recompensa.

Sem dúvida, a mensagem do Cristo se expressa num contexto de salvação extra-mundana, mas traz dentro de si elementos mais complexos, aparentemente contraditórios, que exigem um conteúdo intramundano.

Jesus acentua o caráter moral do Reino excluindo uma simples identificação com o nacionalismo e as esperanças materiais dos judeus. O Reino está ligado à sua pessoa (Mt 4,17) e é apresentado como dom de Deus (Lc 12,32). É por isso, escatológico e transcendente. Ora, uma interpretação errada e parcial deste aspecto fundamental leva a pensar em termos de “céu” como outro mundo separado do atual, para o qual a gente acede simplesmente por uma fé subjetiva e psicológica, por uma conversão intimista e moralista esquecendo o problema da

evolução do nosso mundo e da realização de uma sociedade nova. Essa versão bastante caricatural, apesar de ser rejeitada em teoria, na prática ainda subsiste, também em muitos ambientes de “pastoral renovada”.

O aspecto escatológico do Reino (Jo 18,36) deve ser compreendido a partir de outros textos que afirmam a presença atual do Reino (Mt 12,28) e seu crescimento lento (Mc 4,26-32), o que significa a necessidade de reconhecer o Reino como algo temporal, isto é, ligado à nossa terra e à nossa história. Além disso, se de um lado o Reino é “graça”, do outro lado é também juízo de Deus (Mt 25,31-35) e exige a correspondência do homem, não pelo caminho do subjetivismo interior, mas pelo caminho concreto, visível e objetivo da fome, da sede, da nudez dos nossos irmãos, caminho que — evidentemente — deve ser interiorizado.

É através do nosso esforço para a “promoção humana” tornado possível e eficaz pela “graça” de Deus, que o Reino se realiza desde já, limitado e imperfeito na sua visibilidade atual, a caminho da plenitude final.

Sintetizando os diferentes elementos, o Reino ainda não existe, pois o Reino é o futuro; é vivido, porém, desde já na fé e isso significa lutar para a justiça contra a injustiça.

Querendo interpretar os mesmos dados evangélicos em termos mais globais de **teologia da criação**, sabemos que a criação, desde a primeira página da Bíblia, não é con-

siderada como um cenário neutro em relação com o drama da salvação, mas é vista como uma das grandes ações de Deus: como fundamento que sustenta todo o acontecer da salvação, ela mesma é ação salvadora. A criação é a primeira etapa da história da salvação que culmina no Cristo e no advento do Reino.

Ora, a criação não deve ser considerada como algo de estático que aconteceu no “princípio”, mas é algo de continuamente presente; não é “tanto um ser quanto um acontecer”. É o nosso mundo que se desenvolve no tempo, é a nossa sociedade que procura crescer dia por dia. Nos nossos termos, é o caminho da “promoção humana” no qual todos os homens deveriam estar engajados. Esse caminho é “salvador”, isto é, é o caminho do Reino de Deus, da sua manifestação e da sua realização. O Reino começa aqui neste mundo, é **este mundo que chega à sua plenitude**, construído pelo homem e salvado pelo acontecimento da Páscoa do Cristo.

Nesta perspectiva podemos compreender a impossibilidade de pregar o Reino fora de um contexto de promoção humana. Ao contrário, a **proclamação do Reino** entende-se como trabalho para a **promoção integral do homem**, incluindo no termo "integral" a dimensão da plenitude do Cristo. A Igreja, que tem por missão pregar o Reino, deve necessariamente partir do conjunto das realidades e dos problemas humanos, mesmo que o faça do ponto de vista a ela peculiar, isto é, como sinal do aspecto gratuito e transcendente do Reino.

Essa visão mais unitária não deveria criar grandes dificuldades. O problema, do ponto de vista prático, não está tanto aqui, quanto, em primeiro lugar, na dificuldade

de inventar uma pastoral que seja **mais unitária**, pois a nossa formação e as nossas categorias dualistas prevalecem com facilidade e operam inconscientemente. Em segundo lugar, a verdadeira dificuldade experimentada hoje no Brasil é a incapacidade de dar um **conteúdo mais concreto à palavra "promoção humana"**, de descobrir e realizar os verdadeiros caminhos da libertação do homem latino-americano. "Promoção humana" é termo muito genérico, como tal presta-se para ser proclamado por vários partidos ou várias ideologias de tendência até oposta. Deve sair da ambiguidade e do indefinido. Aqui está o drama de nossa pastoral. Seja suficiente o breve lembrete, pois não pretendemos desenvolver este aspecto no presente artigo.

2 — A "VIDA RELIGIOSA" E A PROMOÇÃO HUMANA

Considerada a missão global da Igreja de pregar o Reino como realização da promoção integral do homem, trata-se agora de situar o lugar próprio e a tarefa específica da "vida consagrada" dentro do conjunto da missão.

Há necessidade de lembrar sinteticamente a característica específica da vida religiosa. Sem querer entrar nas disputas teológicas, é comum definir o estado dos conselhos evangélicos a partir dos **valores escatológicos**, como sinal dos "bens celestes", da "vida nova e eterna", da "ressurreição futura e da glória do Reino celestial" (LG 44,3). Também Medellín, falando

da vocação especial do religioso(a) dentro do Povo de Deus, apela para "uma missão profética, a de ser um testemunho da escatologia" (Documento sobre os Religiosos, 2). É vocação de todo batizado, mas a consagração religiosa leva "a viver com maior intensidade o aspecto escatológico do cristianismo para ser dentro da Igreja, de um modo especial, testemunha da Cidade de Deus" (*ibid*).

Nesse ponto nós — por nossa visão tradicionalmente dualista e desengajada — corremos o risco de interpretar essa vocação do religioso na linha de uma menor preocupação com os problemas terrenos,

de uma fuga do mundo (em sentido bom), de um relativo (secundário) compromisso com a "promoção humana". Só aquele compromisso que não impeça de sermos sinais dos bens celestes. Nessa perspectiva há toda uma visão de vida religiosa, feita de "oração", de "liturgia", de "sacrifício", de "contemplação", de "purificação", de "proteção" do mundo, de "silêncio" etc. Numa palavra, uma vida à margem do mundo e de seus problemas (ainda hoje) com a boa intenção de ser sinal para o mundo. Usando uma imagem... baiana, os religiosos(as) não "pulam" o carnaval de rua juntamente com o povo!

Mas essa interpretação da "escatologia" é falsa, não é bíblica. Medellín conclui em sentido exatamente oposto à nossa interpretação. Depois de ter afirmado o aspecto escatológico, continua: "Isso significa, por um lado, que o religioso deve encarnar-se no mundo real, e hoje com maior audácia que em outros tempos" (*ibid.* 3). É somente mergulhando mais no mundo, no meio da humanidade de hoje, que o religioso terá possibilidade de questionar, de dinamizar, de ser verdadeiramente sinal de um Reino a caminho de sua plenitude.

Continuamos seguindo o documento de Medellín, ainda pouco meditado e praticado pelos religiosos da América Latina. Se o problema dramático deste continente é o problema de seu desenvolvimento, a vida religiosa terá que fazer sua essa preocupação. Os jovens constatam, porém, "uma dissociação prática entre o conjunto de observâncias a que se dá o nome de

Vida Regular e a participação no desenvolvimento do homem latino-americano" (*ibid.* 10). Por isso, os bispos recomendam aos religiosos de "tomar consciência dos graves problemas sociais de vastos setores do povo em que vivemos" (*ibid.* 11) e afirmam que "têm que trabalhar diretamente com as pessoas em um duplo aspecto: no de fazê-las viver sua dignidade fundamental humana e no de servi-las em vista dos bens da Redenção" (*ibid.* 12). Consideram os bispos que "a colaboração do religioso no desenvolvimento integral é algo vital e inerente à sua própria vocação" (*ibid.*).

Podemos tirar as conclusões em relação ao nosso assunto.

Se, de fato, o religioso tem por carisma o testemunho particular dos valores escatológicos isso não significa um menor engajamento no mundo, ao contrário, deve encarnar-se com "maior audácia". Conclusão paradoxal! **Quanto mais quero afirmar o "escatológico", tanto mais devo estar presente no âmago das realidades terrenas, pois o Reino de Deus começa aí, é a nossa terra, a nossa sociedade a caminho da plenitude.**

O religioso que quer testemunhar a justiça definitiva e a caridade divina deve, necessariamente, por vocação, entregar-se para realizar a justiça e a caridade entre os homens. Isto é, preocupar-se com o problema do desenvolvimento, com a promoção humana.

Essa última adquire, assim, um lugar central na vida religiosa. A "vida oculta com Cristo em Deus" e a pregação do amor de Deus aos

homens devem necessariamente passar pela mediação dos "irmãos" e dos condicionamentos econômicos, sociais, políticos e culturais em que eles vivem. Estamos bem longe de uma visão de trabalho de promoção humana como parte limitada do nosso compromisso e da nossa atividade, quase só para satisfazer a moda atual do "social". Nada disso!

3 — PERSPECTIVAS CONCRETAS

O caminho da promoção humana, que é o caminho áureo da justiça e da caridade, considerado concretamente no contexto da América Latina onde vivem massas de marginalizados, exige dos religiosos(as) uma disponibilidade radical para uma mudança que se impõe. Trata-se de reinventar o testemunho de vida e os sinais que devem operar a libertação dos nossos irmãos. É um processo de conversão contínua, em tese aceita e reconhecida normal por todos. Na prática, a situação pode ser considerada dramática, pois — sem querer diminuir o valor de muitas obras ou desconhecer a ótima intenção de muitos religiosos — em relação ao problema da "justiça social" podemos constatar uma situação de "alienação fundamental". Para falar em termos evangélicos estamos mais preocupados com a observância do "sábado", que com a "saúde" dos nossos irmãos.

Apesar da "compaixão" que podemos ter para com os pobres e de

A partir dos dados bíblicos e de uma visão teológica da vida religiosa, concluímos que a proclamação do Reino e o testemunho dos valores transcendentais exigem que os religiosos façam da promoção humana o lugar de seu engajamento e dentro dela cheguem a ser sinais da bondade do Pai para com todos.

certas atividades promocionais, nós de fato estamos longe deles e — o que é mais grave — não sabemos reconhecer e realizar o verdadeiro caminho da libertação.

As nossas obras de preferência (segundo uma medida senão quantitativa pelo menos de importância) são para os ricos, para pessoas que podem pagar algo; temos muitas amizades e relacionamentos com as autoridades e os poderosos deste mundo; nossa formação, nossa mentalidade e nossa maneira de viver são habitualmente bem diferentes daquelas das massas latino-americanas. Numa palavra, estamos situados na "classe burguesa" apesar de nosso esforço para viver pobremente e a serviço dos outros.

Essa "situação" condiciona nosso trabalho de promoção humana, encarado muitas vezes a partir de categorias individualistas e paternalistas, com o risco de reforçar ainda mais a situação que se queria modificar.

A conversão exigida deve passar por tudo isso e não pode ficar restringida a uma atitude de maior generosidade.

Que fazer?

O caminho que a Bíblia ensina é aquele de sair para a terra prometida. Moisés cresceu no Palácio do Faraó, por isso, alienado. Um dia ele saiu para ir ter com seus irmãos (Ex 2,11). Aí ele acordou e foi testemunha de seus duros trabalhos.

Também para nós, não há outro caminho, a não ser a decisão de **deixar nossa vida e ir viver com os pobres**, testemunhar sua situação, "atender, educar, evangelizar e promover as classes sociais marginalizadas sobretudo" (Medellin, Doc. sobre os Religiosos, § 13).

Ajudados nisso por um aprofundamento científico da realidade que permita descobrir as causas mais escondidas e mais radicais, para adaptarmos nossa atividade promocional e para organizarmos uma "caridade" eficiente. Procurando uma mudança não só a partir de uma visão de "indivíduo", mas a partir de uma visão de "classe".

Com essas premissas temos que questionar nossa estrutura de vida religiosa e nosso apostolado. A primeira a partir do segundo, isto é, do trabalho para a promoção humana integral.

Pobreza. Coloca-se como estrutura fundamental, exigindo uma revisão radical. "Chegam as queixas de que (...) os religiosos são ricos e aliados dos ricos", afirma Medellin (*ibid.* § 2). Nossas casas, nos-

so estilo de vida, nossa segurança estão sempre acima daquilo que a maioria dos homens possui, mesmo quando vivemos em bairro pobre. Deve ser recuperada uma visão de pobreza real e estrutural, que não considere somente o desapego interior do religioso dependente. Esse não é "sinal" para os nossos irmãos. Devemos repartir não somente o supérfluo, mas também o necessário. Os nossos bens, econômicos, culturais, de prestígio etc., devem ser investidos em favor dos pobres, nos diversos níveis de ação que a luta contra a injustiça pode exigir.

Castidade. A teologia afirma que o voto de castidade quer ser uma antecipação do que será a realidade escatológica, onde "os homens não terão mulheres" (Mt 22,30). Significa a plenitude do encontro e da comunhão com os outros e com Deus, a superação de todo particularismo e individualismo. É o sentido, também, do voto de castidade do religioso. Não uma renúncia ao casamento, mas uma entrega sem reservas aos outros, colocando em primeiro lugar aqueles que vivem uma situação de dependência e de isolamento: as prostitutas, os diversos tipos de marginais, os que levam o peso da produção etc. Com essas pessoas os religiosos devem viver sua castidade.

Obediência. Para o religioso é o caminho para adquirir a verdadeira liberdade. É isso que de fato acontece? Um dos problemas fundamentais da promoção humana é o problema da "participação", numa

sociedade, seja civil seja religiosa, de caráter elitista, quer dizer, onde alguém manda e os outros obedecem. O homem liberta-se e cresce, e com isso cumpre a vontade de Deus, na medida em que pode dizer sua palavra, pode participar ativamente nas várias esferas da vida social. Os religiosos devem, vivendo a obediência, de um lado, aprender a dizer a própria palavra, de outro lado, respeitar e promover os outros para que possam ter sua responsabilidade e realizar a própria luta de libertação. É o caminho da obediência profunda ao desejo de Deus que colocou como exigência de santidade o respeito dos direitos e da dignidade radical de cada homem.

Vida comunitária. Tudo o que acima foi dito pode resumir-se na

consideração da vida comunitária dos religiosos. Deve ser superada a visão de grupo que pode viver sua "vida regular", para um modelo que guarda uma dúplici tensão. De um lado, deve ser colocada como fundamental a "abertura" aos outros: vida comunitária significa comunhão com a situação da injustiça dos mais pobres, engajando nosso serviço na luta para a transformação da atual estrutura. Do outro lado, apesar de sofrer o condicionamento econômico e ideológico de uma sociedade capitalista, o grupo dos religiosos terá que se esforçar para realizar um pequeno exemplo de comunidade onde se respeita e de fato se vive a igualdade fundamental de todos os homens. Só nessa perspectiva poderá ser "sinal" da Cidade de Deus.

4 — CONCLUSÃO

Temos afirmado a profunda unidade da missão da Igreja: proclamar o Reino significa trabalhar para a promoção humana integral.

Nesse compromisso os religiosos devem por vocação específica ser as testemunhas dos valores escatológicos.

Isso não significa afastar-se do problema social, ao contrário, exige uma presença mais audaciosa.

Deve ser vivida com todas as suas consequências a luta de libertação dos pobres, dos marginalizados, à procura de novos modelos concretos da sociedade. Dentro dessa luta

os religiosos devem **viver a contínua tensão entre a entrega sem reserva e a necessidade de relativizar apontando para uma superação contínua.**

A caridade é vivida tendo como fundamento a fé e a esperança no esforço do homem e no dom de Deus que salva este esforço.

Podemos concluir, fazendo um paralelismo com a missão do Cristo.

Jesus suscitou o escândalo daqueles que esperavam um Messias "celeste": "Mas este nós sabemos donde ele se origina. Do Cristo, porém, quando vier, ninguém saberá donde seja" (Jo 7,27). O povo

simples não recusava: recuperava a "saúde" e nesse encontro humano com Jesus não tinha dificuldade a reconhecê-lo como enviado de Deus. Os outros, aqueles que ficavam agarrados à Lei e que viviam uma religião de "práticas" separadas da vida, recusavam diante do escândalo da encarnação. Jesus não renuncia à sua identidade humana e a partir dela ele revela o Pai e sua origem nEle: "Entretanto, não vim de mim mesmo, mas é verdadeiro aquele que me enviou, e vós não O conheceis" (Jo 7,28).

Levanta-se aqui a pergunta para a vida religiosa: será que consegue suscitar o escândalo de uma identificação com os homens e os problemas dos homens de hoje? A gente hoje repete dos religiosos: "nós sabemos donde eles se originam" ou considera-os bastante afastados deste mundo e, por isso, suficientemente inóquos para aceitá-los sem sentir-se questionados nos problemas mais vitais?

A pergunta fica colocada como teste de autenticidade e pista de renovação.

A PERDA DA EVIDÊNCIA

Há algum tempo atrás nenhum religioso duvidava do fato e da natureza de sua missão no mundo. Tal realidade o trouxera à vida religiosa e o mantinha no entusiasmo. Era evidente que o religioso tinha a missão de converter o mundo para Cristo, de salvar as almas dos pecadores, de manter o cristão na prática dos sacramentos. Formulações que ouvimos tantas vezes ao longo de nossa formação, que lemos nos documentos referentes à vida religiosa.

J. B. LIBÂNIO, S.J.

PRIORIDADES MISSIONÁRIAS

Hoje parece que tal evidência começa a desaparecer. A fronteira do cristão se dilatou até os confins do anonimato [1]. Que significa converter alguém que talvez já seja mais cristão do que eu na fidelidade séria do cumprimento de seu dever, no compromisso devotado à causa da justiça, da libertação do homem, com o sacrifício de sua própria vida, enfrentando prisões, torturas, no ideal de fraternidade? Até me sinto pequeno diante da coragem ousada de tanto jovem, adulto, no seu engajamento com a justiça. Ele não o faz em nome do evangelho, nem é membro da

Igreja. Mas sinto-me com ânimo de convertê-lo para a Igreja, o que poderá na prática significar a adoção de uma vida mais segura, mais prudente, menos arriscada, e quem sabe menos heróica? Seria isto verdadeiramente conversão? É minha missão aproximar-me desse homem a fim de anunciar-lhe a salvação, como se tudo o que ele fizesse fosse para sua condenação? Não estamos já muito longe de Fulgêncio de Ruspe que dizia categoricamente:

“Retém, firmemente, e não duvides de nenhum modo, que não somente todos os pagãos, mas tam-

são dentro do mundo? Em última análise, mundo e Igreja não se identificaram a tal ponto, que não sabemos mais o que é Igreja e o que é mundo, e falar de uma missão seria um retrocesso dicotômico? Não é a identificação de Igreja e mundo golpe de morte na própria possibilidade de missão [4]?

ESQUEMA TRADICIONAL

De onde vinha a evidência da missão? Qual era o esquema mental que presidia tal tranquilidade em afirmar a necessidade, a realidade da missão? Como o homem religioso se entendia a si mesmo,

DO MUNDO SECULAR E TÉCNICO

bém todos os judeus, todos os herejes e cismáticos, que terminam sua vida presente fora da Igreja católica, irão para o fogo eterno, que fora preparado para o demônio e seus anjos”, Mt 25,41 [2]?

Não estamos já longe da concepção católica de que “*extra ecclesiam nulla salus*” — fora da Igreja não há salvação — [3]? Se a salvação é realidade que invade o mundo, que prescinde de minha atividade apostólica, que não se confina aos limites da visibilidade sacramental, que sentido tem a mis-

o mundo, seus irmãos, de modo que lhe parecia absolutamente clara a sua tarefa missionária?

O mundo é visto como um palco, em que se desenrola a grande batalha da salvação e perdição. Dois reinos ocupam esse espaço de luta: o reino de Cristo e o reino de Satã, Jerusalém e Babilônia, reino da luz e reino das trevas, Jesus Cristo e mundo no sentido joaneico [5].

Quanto mais clara se fazia a delimitação dos reinos, mais facilmente o homem se entendia enga-

jado num dos reinos. As diversas eclesiologias procuravam os critérios de discernimento dos reinos. A fórmula clássica foi resumida por Pio XII nas encíclicas **Mystici Corporis** [1943] e **Humani Generis** [1950], onde se indicam os três critérios para delimitar os campos. Pertence à Igreja Católica, ao Corpo de Cristo, ao Reino de Deus aqueles que crêem, são batizados e obedecem à hierarquia [6]. Fora da Igreja se encontram os homens que são objetos de nossa missão, da pregação de conversão em direção ao Corpo de Cristo.

O homem de Igreja podia por meio de uma delimitação clara ter consciência de pertencer de verdade [reapse] à Igreja e saber também com clareza quais são os que não pertencem. Mesmo que nunca tivesse a consciência de que todos os fora da Igreja se perderiam, posição extrema de L. Feeney [7], contudo sabia com clareza que a Igreja possuía melhores e mais abundantes meios de salvação. Como discernia com nitidez os seus limites, podia entender o campo de sua missão sem ambiguidade. Cabe ao católico trazer todos os homens à Igreja de Cristo.

Dentro desse esquema mental, em que os campos se delimitavam com precisão, as prioridades apostólicas se entendiam como a maneira de confirmar os que se encontravam no Reino de Deus, na Igreja e de converter os que se achavam fora desse reino, trazendo-os para a Igreja. As duas prioridades se impuseram: a da pregação e a da sacramentalização. A

pregação se fazia mais necessária no mundo em que predominavam os que estavam fora do Reino, que ainda eram pagãos, infiéis, ateus ou cristãos relaxados. A sacramentalização se realizava, seja para alimentar a vida cristã dos fiéis, como também para consolidar uma pregação, feita, muita vez, às pressas.

A realidade do mundo era, pois, ou considerada como o palco da luta, ou já identificada com a parte hostil ao Reino de Deus [8]. Então a missão no mundo, era sua conversão, ou o trabalho para o reino de Deus. Este esquema ainda subjaz a muita reflexão corrente e anima muito modo concreto de agir apostólico. Mas como um novo esquema de intelecção do homem, do mundo, de seu recíproco relacionamento se introduz, sentimos a crise de tal concepção, as incertezas reinantes.

NOVO ESQUEMA

Pouco a pouco o homem vai afastando-se desse esquema de auto-intelecção, de compreensão de seu relacionamento com os homens e com o mundo. Os contornos das fronteiras entre os reinos se esvaem, a linha divisória torna-se indefinível. O mundo, como palco de luta, se transforma na consciência do homem moderno como sua tarefa, como seu mundo, como a realidade a construir, como algo pertencente a seu próprio desenvolvimento. O homem só se entende como espírito-no-mundo [9]. Não pode pensar, ser, agir, viver, senão no mundo. Ser-no-mundo não é uma contingência, é algo fundamental, ontológico [10].

Mais. O homem contemporâneo experimenta-se como sendo a complexidade do mundo, vivendo dentro de si o duplo reino, do bem e do mal, de Deus e de satã, da luz e das trevas. A sua missão não é trazer alguém de um reino para outro, porque esses reinos não estão fora do homem. São momentos essenciais do homem, ontem, hoje e amanhã. Ele é "**simul justus et peccator**", — ao mesmo tempo justo e pecador —, não por pertencer a um reino ou outro, mas por viver na sua interioridade a realidade da graça e do pecado em todos os seus atos. O reino de Deus e o reino de satã está dentro do próprio homem, se faz presente em todo relacionamento com seus irmãos, não se oculta nem mesmo no mais profundo de seu mundo religioso. Noutras palavras, a graça e o pecado invadem todas as dimensões da existência humana: no seu mundo interior, no seu mundo relacional com os homens, com as coisas, com Deus. Lá crescem os dois reinos. Nunca se separarão. Isto não quer dizer que o homem não perceba que impera, que domina, como atitude fundamental, na sua existência, a realidade da graça ou do pecado. É consciente de que, na contraditoriedade de suas decisões, na inconsequência de seu agir, na inexplicabilidade de seu proceder, há uma linha de força, há uma opção fundamental, que lhe apontam o sentido global de sua vida [11].

No esquema tradicional, a fé era, acentuadamente, vista como aceitação expressa, manifesta, explícita do conjunto de doutrina, de ver-

dades, de ensinamentos da Igreja. Havia um corpo doutrinal que mantinha a unidade e a identidade do católico. A missão dentro desse esquema se fazia bem delimitada: adesão, explicitação, explicação, defesa de todo o depósito doutrinal.

No momento, em que o acento se desloca para o aspecto de compromisso, de engajamento, de práxis, a fé é vista através do agir do homem. Aí temos de novo uma superposição de reinos, uma imprecisão nos seus limites. Há práxis, realmente cristã, na sua verdadeira inspiração, por pessoas que se dizem, professam estar e querer viver fora dos limites visíveis da Igreja, do cristianismo. Há práxis oposta ao espírito evangélico e, às vezes, de modo gritante e escandaloso, por pessoas que se dizem, protestam solenemente ser a Igreja, desempenhar nela papel de preponderância [12].

O homem de hoje se interessa mais na busca de critérios que orientem a sua práxis, em desejo sincero de uma orto-práxis, do que na elaboração de uma orto-doutrina, de uma orto-doxia, de uma orto-teoria. Na sua auto-compreensão, a práxis é mais importante que a teoria, que a doutrina, quando essa doutrina não vivencia, não orienta, não informa, não penetra a práxis [13]. Dentro desse novo esquema de pensar, de entender o mundo, as tarefas prioritárias se modificam.

Muita insatisfação diante de tarefas missionárias poderia ser explicada pela defasagem entre o esquema mental que inspira tal ativida-

de e o esquema que o homem tem hoje. Muita vez tal decalagem é percebida, mas devido a falta de uma reflexão profunda não se percebe de onde vem. Realizar tarefas que só se explicam dentro de uma inteligência de si, do mundo, de seu mútuo relacionamento, quando já se evolui para outra inteligência, não deixa de ser violento para a consciência. Daí resulta um mal-estar interior, difuso, mas real. O desvencilhar-se do esquema mental pode significar um alívio, uma libertação. Mas a tarefa não pode parar aí.

Deve-se buscar ver como retransportar para o novo modo de pensar o vigor, a seriedade, a validade das tarefas até então realizadas. Tomarão, sem dúvida, outras formas, mas viverão do mesmo espírito que fez nascer tantos missionários, tantos religiosos seriamente engajados com o mundo, dentro da mentalidade de sua época, dentro do horizonte de compreensão de seu tempo. O abandono, sem mais, das tarefas, sem um esforço de redescobrir, a partir da mesma seriedade missionária, do mesmo espírito de entrega e doação, novas tarefas, seria uma traição ao Espírito que vivifica a Igreja.

A grande continuidade na Igreja, na vida missionária, não é dada pela materialidade das obras. Estas podem assumir até mesmo formas

contrárias. São o espírito, a vitalidade interior, a coragem do dom, a ousadia da entrega de si, que encontram sua raiz na força de Deus, nunca ausente de sua Igreja. "Estarei convosco até a consumação dos tempos" [Mt 28,20].

Nessa perspectiva cabe sempre uma reflexão de discernimento, perguntando-se quais são as tarefas missionárias no mundo de hoje. Estas tarefas se definirão dentro do horizonte de inteligência de mundo e missão da mentalidade técnica, secularizada.

TRAÇOS DA MENTALIDADE SECULARIZADA E TÉCNICA

O tema da secularização é amplamente estudado [14]. No limite de curto trabalho, ultrapassa totalmente suas dimensões retomar o tema em profundidade. Mas doutro lado, é no mundo secularizado e técnico que os religiosos buscam a prioridade de suas atividades missionárias. Alguns rápidos traços podem dar-nos o enquadramento para indicação de algumas prioridades missionárias para hoje.

A partir do séc. XVI, começa o rápido progresso das ciências exatas, adquirindo aceleração cada vez maior. O princípio científico da verificabilidade, da inteligibilidade pela descrição do fenômeno, ocupa o horizonte da inteligência [15].

O homem vai criando-se uma consciência de sua força sobre a natureza, desvendando-lhe os mistérios, manipulando-a de modos cada vez mais sofisticados. Processa-se um esvaziamento do campo do sagrado, do mistério, que envolvia, na mentalidade pré-científica, muitos fenômenos da natureza como de origem divina. Dá-se a perda da localização do sagrado.

D. Bonhöffer escreve das marmoras nazistas reflexões que denotam o surgir de uma nova geração a-religiosa, secularizada.

“Dirigimo-nos para uma era completamente sem religião; os homens tais como são agora, simplesmente já não podem ser religiosos... Toda nossa pregação e nossa teologia, duas vezes milenárias, baseiam-se no “a-priori religioso” do homem. O cristianismo sempre foi uma forma — talvez a verdadeira forma — de “religião”. Mas se um dia se faz patente que esse “a-priori” não existe em absoluto, mas sim numa forma de auto-expressão humana efêmera e condicionada historicamente e em consequência, o homem se faz radicalmente “sem religião” — e eu creio que isto já está ocorrendo mais ou menos [e se não, como se explica, p. ex., que esta guerra, em contraste com todas as anteriores não tenha desencadeado uma reação religiosa?] —

que significa isso para o cristianismo? [16].

O horizonte do homem atual volta-se para o intra-mundano, voltando as costas para a transcendência. É no campo desse mundo, na sua história que acontece a sua vida, onde ele se compromete. As esperanças sobrenaturais, extra-mundanas perdem sua importância para esse homem [17]. É fenômeno universal que coloca o homem voltado para esse mundo, para as tarefas terrestres, para a luta por uma justiça, paz, ordem nesta terra, não o deixando perder-se em esperanças ultra-mundanas. Fenômeno sentido como libertação da inteligência do império das verdades metafísicas, dos dogmas religiosos, para valorizar a autonomia da razão, sobretudo no seu trabalho de pesquisa experimental, verificável.

As manifestações do sagrado são abolidas, mesmo que haja, de tempos em tempos, um repriminir de formas primitivas sacrais. A média da mentalidade é de desvencilhar-se de tal esquema sacral de pensar, criando, por conseguinte, um fenômeno geral. Muitas demonstrações do sagrado tomam formas folclóricas, de cenas pertencentes ao passado, mas que servem para decorar, embelezar, descansar o homem, da tarefa árdua de transformar o mundo. Não exprimem mais o sen-

tido de religiosidade de antanho, em que lhes atribuía força divina.

A mentalidade técnica vem ainda acrescentar um elemento de eficiência, de praticidade, de eficácia, de utilidade. O real, o verdadeiro, o que conta é somente o que se produz, o eficiente, o programado, o que dá resultados constatáveis, o que faz acontecer. O resto é vazio, poesia, inconsistente. Entramos de cheio no reino da tecnocracia, da eficácia, da produtividade. Os números substituem as filosofias. As estatísticas estão no lugar dos credos, dos catecismos.

A verdade não é dita pela teoria, mas pelos fatos. Discursos políticos substituem idéias, considerações sobre sua auto-justificação ju-

rídica, ética, por uma nova auto-justificação: os números, o crescimento do PNB, a vitória sobre as estatísticas do ano anterior. A verdade do modelo se faz verificar pela eficiência produtiva, pela sua capacidade de apresentar maiores índices de crescimento.

O mundo técnico-científico secularizado pode ser, em poucas palavras, caracterizado por uma nova maneira de o homem entender a si mesmo e seu relacionamento com os outros, com o mundo: a eficiência, a capacidade de poder transformar, manipular, comprovar seus resultados, não apelar para sentidos, e muito menos para um transcendente, para um sagrado, um mundo divino [18].

PRIORIDADES MISSIONÁRIAS

Dentro desse quadro, tão sumariamente esboçado, mas que não deixa de nos situar no nosso mundo, sobretudo de Brasil em franco desenvolvimento econômico, encontra-se o religioso em busca das prioridades apostólicas.

A unidade cultural, política, religiosa, própria da época de cristandade, rompeu-se gerando o pluralismo e colocando a Igreja numa situação de diáspora, de minoria de crentes, envolta por um mundo de não-crentes [19]. A sua liturgia já não pode ser a liturgia oficial do país, já que muitos não crêem, não a aceitam. Cada vez menos os atos religiosos de uma religião podem, na sua grandiosidade externa e pú-

blica, ser os atos de uma nação, de um povo, sem que com isso não se viole a liberdade religiosa de grande parte da nação.

A liturgia eucarística se torna cada vez mais hermética, esotérica, realidade de pequenos grupos iniciados, com uma teologia assaz complicada, que impede que ela amplie a possibilidade de sua participação. Os sinais da presença do

mistério de Cristo na eucaristia são os mais simples, banais: pão e vinho. Isto nos parece querer indicar que devia ser um rito acessível a todo tipo de mentalidade. Na raiz da problemática do crescente esoterismo eucarístico, há duplo movimento centrífugo que faz portanto o povo distanciar-se mais da liturgia. De um lado, acontece uma crescente perda do sentido do símbolo, do sinal, da mediação em favor do objetivo, averiguável, verificável, controlável e de outro a liturgia se sofisticava com explicações e teorias complicadas.

Vejo nesse problema uma tarefa prioritária missionária num duplo sentido oposto: uma valorização e ajuda de **redescoberta do símbolo** na vida humana e busca de mostrar a continuidade da **liturgia do mundo** com a eucarística.

O mundo da técnica é hostil ao símbolo. Mas esse é dimensão fundamental do humano. Através de símbolos, o homem comunica, exterioriza o mistério de solidão que é sua pessoa. A pessoa humana é, na feliz expressão de **Duns Scotus** "ultima solitudo", ou como dizia o P. Leonel Franca, cada homem tem seu coeficiente de solidão. Este mundo de mistério ficará totalmente fechado ao irmão, se o homem viver um relacionamento puramente funcional, em que a função, a atividade em questão conta, mas não a realidade da pessoa. O símbolo é a maneira de essa pessoa desvelar-se, em contínuo processo hermenêutico mútuo, diante de seu irmão.

O homem redescobrendo o sentido do símbolo, reencontra a riqueza

za da sua comunhão e comunicação com seus irmãos, em plenificando sua própria pessoa. Despertado para o símbolo, o homem pode ir descobrindo na sua vida uma verdadeira liturgia. A grande liturgia do mundo.

"Já que, uma vez ainda, Senhor, já não nas florestas do Aisne, mas nas estepes da Ásia, não tenho pão, nem vinho, nem altar, elevar-me-ei por acima dos símbolos até a pura Majestade do Real e eu, vosso sacerdote, oferecerei sobre o altar da Terra inteira, o trabalho e o sofrimento do Mundo" [20].

A existência humana é essa grande liturgia, em que se coloca sobre a patena o imenso esforço do homem em dominá-la, em transformá-la, em perceber-lhe o sentido que

corre por dentro dela a sua seiva de vida. Teilhard teve o mérito de despertar-nos para esse aspecto da vida humana, do processo evolutivo do universo. Nada escapa dessa vasta liturgia. No anonimato do trabalho diário, na luta dolorosa pela sobrevivência, pelo sustento da família, na austeridade do empenho dos engenheiros, médicos, políticos, técnicos, operários, nas angústias interiores, na festividade da alegria de viver, de ser-para-o-outro, a humanidade celebra os mistérios da paixão e ressurreição de Cristo, festeja a sua eucaristia, participa da grande missa, celebrada pela primeira vez de modo explícito, totalizante na ceia-cruz-ressurreição de Cristo.

Cabe a nós, mostrar a relação profunda entre a história do homem, sua vida diária, anódina, aborrecida em alguns momentos, alegre em outros, com o mistério de Cristo, com a liturgia eucarística. A eucaristia assume a existência, e existência continua e precede a eucaristia. Há uma continuidade profunda, íntima, que cria vínculos interiores, misteriosos, mas reais.

A liturgia não pode ser reservada para os momentos privilegiados do domingo, reservada aos iniciados, aos que dispõem do lazer de estar tranquilos ouvindo a palavra do sacerdote, mas faz-se mister descobrir as dimensões litúrgicas do dia-a-dia, a importância simbólica dos gestos de nosso trabalho, de nosso esforço, de nossa alegria. A liturgia eucarística não vem como uma ruptura dessa realidade, um oasis no deserto da vida, mas como a ex-

pressão máxima dessa existência, a densidade concentrada da liturgia dispersa de nosso dia-a-dia [21].

Portanto, importa mostrar a raiz, a estrutura eucarística da existência e sua continuidade com a Eucaristia do Corpo de Cristo, e não apresentar a Eucaristia como momento separado, destacado da vida. A continuidade não quer destruir a profundidade, riqueza da Eucaristia de Cristo, mas fazer ver que ela possui, em si, graus de maior e menor densidade, de maior e menor visibilização, de maior e menor exhibitividade, de maior e menor realização efetiva. Tarefa prioritária, pois liberta o homem de uma visão da existência como destino, como tragédia a suportar não sabendo porquê, como fatalidade inexorável, como campo de luta para o próprio prazer e gozo, a custa dos outros.

O sentido eucarístico da existência e o sentido existencial da Eucaristia procuram revelar ao homem a misteriosidade e seriedade de seu viver. Todo ele é colocado à luz do mistério pascal.

O mundo da técnica, que se transformou em horizonte de nosso viver atualmente, coloca o acento na eficiência, no trabalho, na produtividade e mesmo o lazer recebe um cunho de programaticidade, de elemento que descansa o homem para produzir mais. Perdeu-se a idéia da gratuidade, da festa, da liberdade criadora e espontânea. Não deixa de ser uma tarefa importante anunciar, proclamar, viver, testemunhar a **gratuidade**, a **festividade** da vida [22].

Não se fizeram tantas festas, mas tão pouca festa. O que falta no nosso mundo, não são os **dancings**, as celebrações, as festividades, os feriados, os **week-ends**, as saídas das grandes cidades nos dias feriados. Mas a gratuidade, o saborear a festa como dom de si, como presença livre e libertadora. Não se faz, não se programa uma festa, já que o gratuito é precisamente a negação da programação. A festa se cria na espontaneidade, na entrega de si, e não necessariamente no recinto do clube ou da sala de visita. Há festa no trabalho, na fábrica, no colégio, quando o homem descobre a gratuidade do dom de si ao outro, a alegria de estar-com na liberdade não eficiente, mas de "tempo perdido" para outro, pelo outro. A alegria do encontro, ainda que rápido, não programado, não instrumentalizado, não funcional, mas livre, libertante, espontâneo, gerador de confiança.

A vida tem o seu lado de gratuidade e festividade. Desde o nascer do sol até os clarões da luz elétrica de noite, o homem vive, num clima de produtividade ou convivialidade, na medida em que ele souber dar um sentido de encontro real ou simplesmente funcional à sua existência, a seu contactar com os homens. A tarefa de testemunhar essa gratuidade é essencial hoje. Quem senão o religioso que escolheu como sentido fundamental de sua vida viver a gratuidade do dom de si!

"Dai de graça, aquilo que recebestes de graça" [Mt 10,8]. Recebemos nossa vida gratuitamente.

Viver-para-o-outro devia ser uma consequência lógica dessa gratuidade e festividade da vida. Mas o elemento da produtividade, eficácia é tão violento, sobretudo numa estrutura social em que o lucro é o movente do progresso, que o religioso, professando a pobreza, deveria exprimir esse aspecto do dom gratuito, livre, desinteressado, não comercializado, não contratual, não exigente.

A Palavra de Deus, manifestada em plenitude na pessoa de Jesus Cristo, é o sinal mais evidente da gratuidade. Éramos pecadores, trevas, e ele, na sua bondade gratuita e livre, nos chamou. A Eucaristia,

todo sacramento, é expressão de gratuidade. Viver pois o cristianismo em profundidade é viver a dimensão da gratuidade e da festa. A prioridade da gratuidade não é superficial, mas o esforço de valorizar dimensões básicas da salvação, que acontece na Palavra e no Sacramento, que, entretanto, são vistas muita vez na linha do dever, da obrigação, da comercialização com Deus.

A vida humana é envolvida por uma ambiguidade, que atinge todos os níveis, pessoal, relacional, social. A linha divisória, entre a verdade e a heresia, o moralmente certo e errado, a verdadeira Igreja e a falsa, se diluiu, de modo que o homem hoje percebe que não existe a pura formulação do erro ou da verdade. Mais. Os meios de comunicação adquirem tal força que ameaça a nossa própria capacidade de pensar, de julgar, de discernir. O joio e o trigo não nascem um ao lado do outro, de modo que facilmente poderíamos separá-los, mas estão entrelaçados dentro da mesma realidade [23].

As linguagens, exprimindo horizontes culturais, esquemas mentais diferentes, se inter cruzam. São faladas ao mesmo tempo. Gera-se confusão, ceticismo de um lado ou reacionarismo de outro. Frases que soam, na sua formulação verbal, material, contraditórias, querem, entretanto, ser muita vez continuação uma da outra. Todo teólogo sério se crê dentro da tradição da Igreja, continuador do processo interpretativo da realidade da Revelação. Se usa outra linguagem, não quer ensinar, interpretar outra fé.

Os problemas aparecem cada dia mais complexos, a realidade mais implicada e complicada, devido às inúmeras possibilidades de interpretação, de diversos ângulos. Nesse maremagno, pergunta-se então por uma tarefa prioritária: criar-se uma **consciência crítica** e despertá-la em volta de si, para que não se caia facilmente na mão de manipuladores da verdade e da palavra, além de uma **capacidade hermenêutica** de interpretar para o homem de hoje o todo de nossa fé. Uma posição ingênua e um mero papagaísmo dogmático é um desserviço irresponsável que se faz à fé.

A tarefa que se impõe a qualquer consciência responsável é a crítica, a hermenêutica. Crítica que não significa assumir posição negativa diante de alguma coisa, mas sim procurar não viver dos resultados, dos ditos dos outros, da última opinião ou da primeira, conforme o gosto, mas, em procurando ver o processo genético das idéias, empenhar a sua inteligência para ver a sua legitimidade, seriedade, justeza.

O crítico não se atém aos resultados fornecidos pela propaganda, pelos senhores da opinião pública, seja política como religiosa, mas busca ver como tais resultados foram elaborados, penetrando com agudeza e exatidão o processo [24]. O crítico não se contenta com palavras, sejam elas repetição de formas sacrossantas do passado, sejam elas modernas, mas procura que se interprete dentro de novo horizonte cultural aquilo que a tradição da Igreja quis exprimir-se no esquema mental anterior.

Consciência crítica e hermenêutica são serviços valiosos e importantíssimos no momento atual. Muita polêmica fastidiosa e inútil, que vem dilacerando o interior da Igreja, se calaria, se, com seriedade, cristãos capazes se entregassem à tarefa crítica e interpretativa, sabendo que o homem histórico, dentro de outras coordenadas, necessariamente pensa de modo diferente, pede linguagem nova, ainda que não por isso rejeite a mensagem que a fé nos transmite.

A crítica e a hermenêutica não são só tarefas dos estudiosos, dos teólogos, mas de cada cristão, pois elas se fazem também com a vida, com o exemplo, com o testemunho, com as obras, com as realizações apostólicas. A maneira de levar um colégio, o modo de trabalhar num setor, a maneira de tratar os empregados podem, em determinado contexto, ser verdadeira crítica a um ambiente de injustiça, exploração circunvizinha.

Há uma hermenêutica dos acontecimentos de que o profeta, o santo, o homem livre interiormente são mais capazes que o teórico e o mero pesquisador. Ser crítico e hermenêuta é, pois, tarefa missionária

prioritária de todo religioso, de todo cristão, numa época de muita ilusão, de muito delírio, de muita manipulação pela imprensa e meios de comunicação, de muita divulgação e pouca reflexão, seriedade, respeito.

A crítica e a hermenêutica são funções da caridade. Não visam senão ajudar o homem a crer com lealdade, sem ter de abdicar de sua racionalidade para ser cristão. Visam criar homens livres, que saibam, na complexidade emaranhada da vida moderna, escolher, julgar com mais lucidez, responsabilidade, lealdade [25].

CONCLUSÃO

A perda da evidência da missão do religioso no mundo, vinda da mudança de esquema cultural, não significa que não se possa encontrar dentro de outro horizonte o seu sentido e a sua importância.

Dentro de uma perspectiva em que a graça e o mundo não existem como dois elementos paralelos, mas interpenetrados, a missão assume um caráter profundamente engajado, a partir de dentro do mundo e não vindo de fora como salvador. Indicar quais são as atividades prioritárias em tal missão, não deixa de ser uma opção, refletindo uma pré-compreensão do mundo.

Poder-se-iam ter enumerado outras prioridades missionárias, mas, pareceu-me bem indicar somente três, dentro do pequeno âmbito dessa reflexão: a redescoberta do símbolo e da sacramentalidade litúrgi-

ca do mundo em relação com a Eucaristia, a valorização testemunhal da gratuidade e festividade da vida e finalmente a tarefa crítica e hermenêutica. Não são tarefas que se podem desincubar-se com certas obras, atividades, mas são antes dimensão de toda a vida.

Em se tratando de uma tarefa-dimensão, caberá a cada um encontrar, não uma receita feita, mas sim a maneira concreta de viver cada dia tal dimensão, dando campo à própria criatividade. Num clima de liberdade criativa, confiando na força renovadora do Espírito de Deus, que estará entre nós até a consumação dos tempos, poderemos ser os verdadeiros liturgos do mundo, em contínuo processo de valorizar o símbolo, a gratuidade, a

feita, dentro de um espírito crítico maduro e sempre interpretador, evitando a mera repetição cômoda e fácil do passado.

São tarefas que superam a pequenez de cada um de nós, mas reunidos no Corpo de Cristo, confiamos que o carisma de ser verdadeiros cristãos não nos falte. Como Cristo já realizou com sua morte-ressurreição o grande ato litúrgico, fonte de toda outra liturgia, tornou-se ele o princípio-esperança para nós da plenitude da vida, que se inicia e desenvolve no meio da ambiguidade de nosso mundo. Cristo é, portanto, o magno liturgo da vida e da gratuidade, crítico e hermeneuta, que nos inspira nessa tarefa, dando-nos a garantia de sua presença, vida, espírito.

NOTAS

[1]. K. RAHNER, **Anonymer Christ**, em: *Handbuch der Pastoraltheologie*, Herder, Freiburg 1972, V, 19-20; A. RÔPER, **Die anonymen Christen**, Mainz 1963; K. RIESENHUBER, **Der anonyme Christ nach K. Rahner**, em: *ZkTr* 86 [1964] 286-303; H. OTT, **Existentielle interpretation und anonyme Christlichkeit** [Festgabe Bultmann] Tübingen 1964, 367-379; H. U. BALTHASAR, em: *Communio* 1[1972]4-17.

[2]. FULG. RUSPE, **De fide ad Petrum** 38, 79; PL LXV 704.

[3]. J. B. LIBÂNIO, **Extra Ecclesiam Nulla Salus**, em: *Perspectiva teo-*

lógica, 5[1973] n.8, pp. 21-49, com indicação bibliográfica.

[4]. E. H. SCHILEBEECKX, **Le monde et l'Eglise**, Paris 1967; A. DONDEYNE, **Eglise et monde, opposition ou compenetration**, em: *Les Feuilles Documentaires*, janv. 1968, 5-24.

[5]. H. SASSE, **Kosmos**, em: *ThWzNT* III 867-898.

[6]. J. B. LIBÂNIO, o.c. p. 31 nota 39.

[7]. Sobre o caso de L. Feeney ver: Y. CONGAR, **Sainte Eglise**, Paris 1963, pp. 427ss; *REB* 13 [1963] 23k-234; *REB* 15[1955] 321-323.

- [8]. J. COMBLIN, **Os religiosos e o mundo**, em: R E B 29[1969] 550-579.
- [9]. K. RAHNER, **L'esprit dans le monde**, trad. fr., Mame Paris 1968, pp. 286ss.
- [10]. CL. BRUAIRE, **A filosofia do corpo**, trad. bras., Herder, SP 1972; J. SPLETT, **Leib, Leib-Seele Verhaeltnis**, em: Herders theol. Taschenlexikon, Freiburg 1972, IV, 304-309.
- [11]. K. RAHNER, **Sobre el concepto teológico de concupiscencia**, em: Escritos de Teología, trad. esp. Madrid 1961, I, 379-416; J. RATZINGER, **Le nouveau peuple de Dieu** [col. Intelligence de la foi] Paris 1971, p. 164.
- [12]. Presença da Igreja na atual transformação da A. Latina. Introdução. II Conferência Geral do Episcopado Latino-americano em Medellín, em: SEDOC 1[1968] n.5 pp. 663/6.
- [13]. A. SÁNCHEZ VÁZQUEZ, **Filosofia da práxis**, RJ 1968; J. B. METZ, **Les rapports entre l'Eglise et le monde à la lumière d'une théologie politique**, em: La Théologie du Renouveau, Paris 1968, II, 33-47.
- [14]. H. COX, **The secular city**, NY 1965; H. COX, **God's Revelation and man's responsibility**, VALLEY FORGE 1965. J. Bishop, **Les théologiens de la mort de Dieu**, Paris 1967;
- [15]. F. RUSSO, **La vie et le hasard**, em: Etudes 334[1971] 197-209; basta ver a disputa levantada em torno do livro radical de: J. MONOD, **Le hasard et la nécessité**, Paris 1970, traduzido pelas Vozes, Petrópolis.
- [16]. D. BONHÖFFER **Letters and Papers from Prison**.
- [17]. G. B A R A Ú N A, **Transcendência-imanência, a difícil dialética da hora presente**, R E B 28[1968] 810-858.
- [18]. J. COMBLIN, **Mitos e realidades da secularização**, SP 1970; H. LE-PARGNEUR, **A secularização**, SP 1971; B. KLOPPENBURG, **O cristão secularizado**, Vozes, Petrópolis 1971.
- [19]. K. RAHNER, **Posição de cristão no mundo moderno à luz da teologia**, em: Missão e Graça, trad. bras., Petrópolis 1964, I, 7-47.
- [20]. T. DE CHARDIN, **La Messe sur le Monde**, Paris 1965, p.9s.
- [21]. K. RAHNER, **Überlegungen zum personalen Vollzug des Sakramentalen Geschehens**, em: Schriften Theol. Einsiedeln 1972, X, 405-429.
- [22]. R. MARLÉ, **Nouvelle avancée de la jeune théologie**, Etudes 335 [1971] 433-448; H. COX. **La fête des fous**. Essai théologique sur les notions de fête et de fantaisie, Paris 1971; J. MOLTSMANN, **Die ersten Freigelassenen der Schöpfung**, München 1971.
- [23]. J. RATZINGER, o.c. pp.163ss.
- [24]. H. VAZ, **A Igreja e o problema da conscientização**, em Vozes 62 [1968] 483-493.
- [25]. K. LEHMANN, **Hermeneutik**, em: Herders theol. Taschenlexikon, Freiburg 1972, III 281-287.

Eu a sede
Deus a fonte.

Eu a praia
Deus o sol.

Eu a barca
Deus o mar.

Eu a inquietação
Deus a paz.

Eu o sino
Deus o som.

Eu o copo
Deus a bebida.

Eu a lenha
Deus o fogo.

Em Ti ardo
hora após hora.

Minha certeza começa
onde perco todo chão.

Minha vida começa
onde escolho Deus para sempre.

Pelo passado
OBRIGADO!

Pelo futuro
SIM!

A EDUCAÇÃO DESAFIO MISSIONÁRIO E INTERIORIZAÇÃO

VILMA MOREIRA DA SILVA, F.I.

— Você acredita realmente na Educação?

— Tem sentido entregar a vida a uma missão que parece “sem futuro”?

— Não lhe parece que seria melhor que tantos milhares de religiosos fechassem os colégios e se dedicassem totalmente a um serviço de Igreja que rendesse mais?

— Afinal de contas, qual é a razão de ser das escolas católicas?

Todos nós já escutamos — mais de uma vez — perguntas iguais ou

semelhantes a estas. Constituem, sem dúvida, um questionamento que não nos pode deixar indiferentes, senão levar-nos à reflexão e busca sincera da verdade: do **cerne da problemática** e de **pistas de solução**.

Nossa atitude quer ser esta: a de quem se sabe radicalmente pobre e pede a ajuda de Deus e dos irmãos para refletir e caminhar na fidelidade à Missão, sem querer ser dono absoluto da verdade. Temos que buscar, estudar e planejar juntos, na Esperança, tentando responder com sinceridade e também com coragem e amor, ao desafio missio-

nário que constitui hoje a obra da educação. Porque realmente, “o panorama geral da educação apresenta-se à nossa vista com características, ao mesmo tempo, de drama e desafio” (1).

A EDUCAÇÃO, UM LONGO CAMINHO...

O caminho da educação — como o do amor (e a educação é obra de amor) — é muito longo. Não se identifica, de modo algum, com uma instituição denominada “escola”, “colégio” ou “universidade”, ainda que aqui nos retrinjamos, em certo modo, a refletir sobre a problemática da escola cristã.

O termo abrange muito mais em todas as dimensões. De fato, caminhamos para a ESCOLA-MUNDO. A ação educativa não se limita já à escola e à família. Invasão a rua, a sociedade, o grupo. Os museus, escritórios, bancos, clubes, repartições, lazer, meios de comunicação social, a Igreja, os grupos tudo enfim, é chamado para, **integrativa e permanentemente**, educar crianças, jovens e adultos, dando-lhes condições de maturação e integração constantes para construção do mundo novo que está para surgir” (2).

O QUE É EDUCAR?

Cada um de nós tem uma palavra a dizer sobre **o que significa educar**, embora sem definir a educação que, por constituir um processo vital, não pode enquadrar-se numa definição.

A Educação é hoje um fenômeno que visa atingir todos os homens e cada homem em sua totalidade. Não para metê-lo numa “forma”, senão para ajudá-lo a transformar-se em **agente de sua própria história** e corresponsável, com os demais homens, na evolução de um mundo que se faz continuamente. Significa, como escreveu o Episcopado Boliviano, o esforço de cada um por tornar-se homem, de acordo com o desenvolvimento de sua própria personalidade. A palavra **educação** “implica o reconhecer-se e o fazer-se dentro da relação com os outros homens, com o mundo do qual se participa e com Deus, para tomar um compromisso livre e responsável na construção de um destino comum” (3). Constitui, assim, uma libertação para o homem, ou ainda “o meio chave para libertar os povos de toda escravidão e fazê-los subir ‘de condições de vida menos humanas a condições mais humanas’, levando em conta que o homem é o responsável e o artífice principal de seu êxito e do de seu fracasso” (4).

Hoje tornaram-se **slogans** estas frases:

— “É o educando que se educa a si mesmo”.

— “Também o educador se educa ao educar”.

Por isso, educar supõe **humanizar-se para humanizar; libertar-se para libertar; integrar-se para integrar; aceitar a salvação para ajudar a salvar**. É engajar-se num processo, juntamente com o educando, para buscar a maturidade da Pessoa Humana dentro de uma rela-

ção dialogal: o encontro profundo de um "eu" com um "tu" para, formando o "nós", caminhar e construir juntos um mundo melhor.

UM MUNDO NOVO

Nosso mundo está definitivamente inserido num processo irreversível de mudanças exigentes e contínuas. O Vaticano II procurou descrevê-lo, sem esconder as dificuldades que o homem de hoje deve superar para construir um mundo novo e uma história nova.

Nosso mundo não é o de ontem, mas o de 1973. **Mundo de contrastes:** de "sins" e de "nãos", de coexistência de forças opostas; de alegria e tristeza; guerra e paz; tensão e harmonia; comunicação e barreiras; tecnologia e prospectiva e, ao mesmo tempo, civilização pré-técnica e tradicionalismo fechado; de luta entre "o velho" e "o novo".

Nosso mundo: secular e secularista, de anonimato e massificação, mas também centrado no homem criativo, com forte tendência à personalização e socialização. Mundo pluralista. Por isso e por outros motivos, é difícil educar hoje. Muitos educadores, ao sentirem a impaciência da geração jovem que, consciente de sua função na vida social, deseja participar ativamente nela (5), perguntam-se **como educar.**

EDUCAR HOJE PARA O HOJE, VISANDO O AMANHÃ...

Se nos sentimos chamados... se a força do apelo missionário penetrou em nosso ser e nos levou a

um compromisso no campo da educação, em qualquer de seus aspectos e dimensões, temos que **educar para o hoje de Deus na história dos homens, com um enfoque prospectivo para o amanhã.** É necessário situar-nos no hoje dos homens. Para muitos de nós isto não é fácil. Sentimo-nos "por fora" das inúmeras situações vividas pelo homem atual, neste mundo pluralista tão rico e, ao mesmo tempo, tão pobre. Sabemos, entretanto, que a **Missão é para o Mundo.** Urge colocar-nos diante da criança, do jovem ou do adulto que caminha ao mesmo ritmo do mundo e nos interroga. Mais do que nos questionamentos colocados no princípio, o desafio, para nós, educadores cristãos, situa-se em outro tipo de interpelação que responderia também ao primeiro:

— Você aceita a **MISSÃO DE EDUCAR** com todas as suas **exigências e conseqüências?**

— Sente-se preparado ou está tentando preparar-se para assumi-la e reassumi-la diariamente, porque sabe que ela é nova cada dia?

— Está disposto a fazê-lo numa dimensão de **serviço evangélico** a todo homem, de **anúncio missionário libertador?**

Responder **SIM** é compromissar-se definitivamente num processo que traz exigências contínuas e radicais. É arriscar-se a viver a aventura da Missão no dia a dia. É aceitar o desafio da educação hoje, aqui e agora.

UM HOMEM NOVO PARA UM MUNDO NOVO...

Educar no presente — no hoje — para o amanhã, pede de nós uma **visão prospectiva**: uma atitude de previsão das condições sociais, culturais e religiosas que comecem a delinear-se no horizonte dos que serão os responsáveis pelo amanhã; uma adaptação e renovação de nossos sistemas educativos e objetivos pedagógicos. Cada dia e todos os dias.

É importante não perder de vista a dimensão de busca contínua, de **tensão** para as metas que a rotina do dia a dia ameaça fazer desaparecer. É muito mais fácil sentar-se à beira da estrada do que **abrir caminho...** Vêm-nos à mente os versos de Machado, o poeta espanhol:

“Caminhante: não há caminho...
O caminho se faz ao andar...”

UMA EDUCAÇÃO NOVA PARA UM HOMEM NOVO

Viver hoje a **Missão Educativa** é aceitar o desafio de uma **educação libertadora**. Para nós é aquela:

- Que reconhece em cada educando um ser histórico, condicionado, portador de uma personalidade em formação.

- Que sabe ser cada individualidade humana uma irrepetível iniciativa de Deus e possibilita o crescimento de seu ser único e original, ajudando-a a descobrir suas potencialidades, aceitar-se, questionar-se,

confrontar-se com outros e participar corresponsavelmente na construção da História.

- Que permite ao educando tornar-se **agente** de seu processo educativo num clima de democratização cada dia mais real.

- Que colabora na formação do homem novo: aquele que tem um profundo **sentido crítico, reflexivo e criativo**; um homem marcado pelo espírito comunitário da socialização, influenciado pelo conceito da nova cultura e técnica científicas; pelo fenômeno da secularização e por uma consciência muito viva da

necessidade de integrar-se no processo de transformação do mundo.

A **educação libertadora** é, enfim, a que ajuda o homem a viver sua vocação fundamental de filho de um Pai Criador, como pessoa livre, responsável, capaz de conhecer, amar e servir; a que o ajuda a **cris-tificar-se** cada dia mais, ao saber-se irmão de todo homem — em Cristo — e senhor do mundo e da história.

EDUCAÇÃO PERSONALIZADA

A educação libertadora é necessariamente **personalizada**. Atua sobre cada pessoa como ser original e único sem esquecer a dimensão do meio ambiente, do contexto em que o homem se torna sujeito da história. É assim que capacita os educandos “como autores de seu próprio progresso, a desenvolverem de maneira criativa e original, um mundo cultural conforme a própria riqueza e que seja fruto de seus esforços” (6).

Se olharmos nosso proceder metodológico, constataremos que, muitas vezes, ele revela pouco respeito à Pessoa Humana. Sabemos, na teoria, o que significa e supõe educar. Esquecemo-nos na prática de que cada educando deve desenvolver na liberdade, amor e originalidade, os dons recebidos, e que só pode fazê-lo com a ajuda do **grupo** e da **comunidade**.

O **grupo** constitui para o educando o lugar da auto-comunicação e auto-revelação; nele se dão o encontro, o diálogo, a mútua compreensão, a convivência, a amizade, no

respeito e corresponsabilidade. Ao falar no grupo nos encontramos com uma interrogação dirigida concretamente a nós, **adultos**. Relaciona-se com o desempenho de nossa missão nos grupos ou comunidades educativas. O adulto não pode ser neles alguém que ensina “*ex-cathedra*”, desde cima, senão o que ajuda a interpretar objetivamente a realidade e a formar a consciência crítica do jovem. Não pode ser o homem das respostas feitas, senão o que ajuda a descobrir, a ser, a crescer. Poderíamos perguntar-nos: — Temos realmente uma atitude adulta?

A DIMENSÃO COMUNITÁRIA DA MISSÃO

Pessoa... Grupo... Comunidade...

Não é só o mestre que educa. Nem só o grupo. É a **comunidade**, missionária por vocação especial. Ela é quem envia os mensageiros. Para realizarem sua missão hoje, nossos centros educativos têm que transformar-se necessariamente em **comunidades educadoras da fé**, com tudo o que o termo supõe e exige de abertura, diálogo, respeito mútuo, integração, corresponsabilidade, subsidiariedade, amor e partilha, no caminhar juntos na mesma direção. Devem organizar-se em função daquele que constitui seu centro: o **educando**. E são formadas por todos os que, direta ou indiretamente, participam e contribuem para a realização da tarefa educativa.

Dissemos que a missão de educar é recebida da Comunidade. Em

nosso caso, da Comunidade Eclesial. Nossa Missão é, portanto, a de formar comunidades que ajudem a educar a Fé, na Fé e para a Fé.

OS PRIMEIROS RESPONSÁVEIS

No duplo movimento que implica **desenvolvimento e integração**, a Educação Cristã apresenta hoje à **família e à escola** — seus primeiros responsáveis — uma exigência muito concreta: a de uma ação unificada que os integre corresponsavelmente na Comunidade Educativa.

Pais, professores, colaboradores e alunos são elementos igualmente ativos nessa comunidade, que deve significar **integração de pessoas abertas umas às outras**. Tal integração supõe toda uma dinâmica de relações pessoais de conhecimento, respeito, diálogo, sinceridade e caridade” (7) na escola. Assim, os gestos concretos do dia a dia testemunharão uma dinâmica e uma dimensão interna de Fé que transparecerão em toda a vida do grupo, tornando-o realmente uma **Comunidade Educadora da Fé**.

EDUCAR A FÉ

A Fé denota um modo evangélico de vida, revelador de **valores** que a Pessoa Humana vivencia em cada situação existencial. Para que a Comunidade eduque a Fé e na Fé, é preciso que possua **objetivos concretos** e uma **filosofia de vida** essencialmente baseados em valores evangélicos e no grande valor evangélico — a **Pessoa Humana** — que encontra sua plena dimensão em **Cristo Jesus**. A atitude de cada membro da Comunidade Educativa

influi muitas vezes de modo definitivo na opção de fé do educando e em sua atitude diante da vida e do acontecimento Jesus Cristo.

É assim que, pela criação de um **clima realmente evangélico**, a escola converte-se numa **escola em catequese** em todas as suas dimensões. Demonstram-no o estilo e a filosofia de vida de seus membros e a mesma orientação educacional, cultural e pedagógica em suas múltiplas facetas, que adquirem assim, implícita ou explicitamente uma conotação cristã que ajuda o educando a tornar-se **mais consciente do dom da Fé** (8), a penetrar progressivamente no Mistério da Salvação e crescer até a maturidade na idade da plenitude do Cristo (Cfr. Ef 4,13).

Portanto, não é qualquer grupo humano nem qualquer escola, curso ou movimento de juventude — ainda que denominados cristãos — que exercem a missão de educação da Fé. Não se educa uma fé abstrata, desvinculada da vida. A **encarnação** e o **testemunho** constituem dois dos grandes princípios metodológicos da Educação da Fé. A Revelação de Deus se faz progressivamente, porque “acontece” diariamente numa linha de História. E essa História está profundamente marcada pela dimensão do **Passado**, pela força do **Presente** e a visão de esperança do **Futuro**. Engloba assim toda a vida do homem. Por isso, a educação da fé constitui um processo global, integrador, dinâmico, inserido numa História que é nova cada dia, porque vivida e testemunhada por uma Comunidade que cresce continuamente na Fé.

DE NOVO A INTERROGAÇÃO...

Ainda que sabendo não ser a escola o único instrumento de educação, reconhecemos sua posição privilegiada neste campo. E sentimos, por isso, toda a urgência do apelo do Espírito para um dinamismo que ultrapassa — e muito — “o institucionalismo dos centros docentes e projeta sua dinâmica apostólica para outros setores que exigem urgentemente a presença e o compromisso da Igreja” (9). Isso nos leva a interpelar-nos seriamente com relação à flexibilidade de estrutura e à filosofia de vida de nossas escolas. Talvez, inclusive, deva ser feito um questionamento anterior a este:

● **Constituímos realmente Comunidades Educativas?**

● **Sentimo-nos de verdade educadores da Fé?**

● **A estrutura de nossas escolas permite e ajuda o estabelecimento de um clima evangélico que propicie a criação de condições para essa educação?**

● **Qual a densidade de testemunho de vida de seus membros?**

● **Nossas celebrações litúrgicas são realmente comunitárias? Expressam a colocação de nossas experiências de vida e das do mundo inteiro — numa dimensão de Igreja — no Mistério Pascal do Cristo?**

O questionamento é sério. Esta é a verdade: é toda a Comunidade que educa a Fé; o catequista anuncia e explicita — nos tempos fortes dedicados à transmissão da

Mensagem — o que a Comunidade expressa, testemunha e celebra em todas as dimensões de sua vida. É **enviado** por ela.

Tenhamos a coragem de deixar-nos interpelar profundamente...

A FORÇA DA PALAVRA DE DEUS

“Como invocarão aquele em quem não têm fé?”

Ou como crerão naquele de quem não ouviram falar?

E como ouvirão falar, se não houver quem pregue?

E como pregarão, se não forem enviados?” (Rom 10,14-15).

A citação é tão antiga quanto o Cristianismo. Por meio do Apóstolo Paulo, Deus questionou os ro-

manos do século I e nos questiona hoje, nos últimos decênios do século XX. Encontramos aqui o **processo educador da Fé:**

A Palavra revelada em Jesus Cristo, explicitada pelo missionário — o enviado — cria a Comunidade, ou seja, a Igreja. É **Missão**. E é também **convocação**. É a comunidade que envia, que exterioriza, que anuncia, através do testemunho, do gesto e da vida de seus mensageiros. Educa na Fé. E é Palavra de Deus, viva e eficaz, que impulsiona para a missão liberadora de educar o filho de Deus.

CONCLUINDO SEM CONCLUIR...

Nosso estudo não visou dar soluções já prontas, senão simplesmente partilhar uma inquietude comum e fornecer talvez algum ponto de referência e pista de reflexão. Quisemos buscar juntos; interpelar e questionar, sim; inquietar, talvez, mas sempre numa dimensão prospectiva cheia da grande Esperança cristã.

Referimo-nos especialmente à educação nas escolas, enfocando, de modo especial, a **Educação da Fé**. É que, pessoalmente, como milhares de religiosos no Brasil e no mundo, sentimos o apelo missionário da educação cristã e nos comprometemos a vivê-lo na alegria e esperança, dentro de um sã realidade. Muitos de nós nos questionamos ou fomos questionados diversas vezes com relação à validade de nossas instituições educativas. Por que?

Talvez por sua inadequação diante de um mundo novo, um novo homem e uma nova história que estão nascendo...

Talvez pela falta de dimensão personalizadora, ou da vivência de uma perspectiva evangélica que possibilite a criação de um clima catequético em nossos centros educacionais...

Talvez pela nossa falta de corresponsabilidade como comunidades educadoras da fé, ou mesmo pela inexistência de uma dimensão realmente comunitária em nossas escolas...

Talvez por nosso apego a quadros ultrapassados, perda de esperança, por nosso medo ao risco e nosso esquecimento de que sempre que Deus envia para a Missão, promete a força de sua presença atuante e dinâmica junto de nós: "Vai, eu te envio... Eu estarei contigo..." (Êx 3, 10-12).

Talvez sem motivo. O que nos apontam pode não corresponder à realidade de nossos centros educacionais. Mas parece muito difícil que nada tenhamos a rever, renovar ou crescer num mundo como o nosso.

A verdade é que persistem a **interrogação e o desafio...**

É preciso despojar-nos. Desarmar-nos. Ter a coragem de olhar-nos em profundidade, à luz da verdade de Deus que liberta sempre, mesmo quando nos fere. É preciso ter a coragem de deixar-nos interpelar por Ele com relação à **verdade de nossa missão**, o que nos exigirá, muitas vezes, entrar num

processo de conversão... No Êxodo, Deus exige de Moisés — o educador de seu povo — que tire as sandálias, que saia da situação em que se instalou e parta para a **missão**. Com a certeza de sua Presença junto a ele. Deus vai libertando Moisés e Moisés vai ajudando o povo a libertar-se. Trata-se de uma experiência pascal de educação progressiva... de libertação...

Hoje, a obra da educação nos apresenta exigências semelhantes. Também nós vivemos uma Páscoa, uma libertação. A Educação constitui um dos meios de realização dessa **passagem**, de mudança de mentalidade e de coração. É necessário definir-nos. É também a nós, educadores cristãos do Brasil, a palavra do Episcopado Latino-americano na Introdução ao Documento de Medellín, 3:

“Não basta refletir, obter maior clareza e falar. É preciso **agir**. Esta não deixou de ser a hora da **palavra**, mas tornou-se, com dramática urgência, a hora da **ação**. É o momento de inventar com imaginação criadora a ação a ser realizada, e, sobretudo, levá-la a termo com a audácia do Espírito e o equilíbrio de Deus”.

**A EDUCAÇÃO: DESAFIO
MISSIONÁRIO E
INTERROGAÇÃO...**

**Ato de Amor, e, portanto, de
coragem...**

**ESTAMOS DISPOSTOS A
RESPONDER?**

NOTAS

- (1) Documento de Medellín, Educação, IV, 2.
- (2) Cfr. Assembléia Geral do Regional Sul 1 da CNBB com os Superiores Provinciais.
São Paulo, novembro de 1969.
Documento 1, Introdução.
- (3) Cfr. Conferência Episcopal de Carta Pastoral sobre la Educación, 36-37.
La Paz, 1971, p. 33.
- (4) Documento de Medellín, IV, 8; cfr. também a *Populorum Progressio* 2 e 15.
- (5) Cfr. Vaticano II, *Gaudium et Spes*, 4, 5, 6 e 7.
- (6) Documento de Medellín, IV, 3
- (7) Vaticano II, *Gravissimum Educationis*, 8
- (8) Cfr. o mesmo, 2.
- (9) Documento de Medellín, IV, 11

Comunidade de base uma chance de renovação para a vida religiosa?

IR. JEANNE M. THIERNY, OSU

Quando se reflete sobre a Pastoral, quase sempre se fala em comunidade de base. De fato, elas vão se multiplicando em nosso país. Os livros dos Padres Marins e Camamuru, há quatro anos atrás, abriram a opinião eclesial a este respeito.

A atual comissão de pastoral da CNBB projetou conhecer mais de perto estas experiências e estudar o seu significado na Igreja de hoje. Uma autêntica vivência comunitária não é a concretização do mistério da Igreja no mundo?

A equipe da Linha 1 do Plano de Pastoral de Conjunto que tem

como objetivo a unidade do povo de Deus, elaborou um projeto que teve as seguintes etapas: Foi pedido a todas as dioceses que nos apontem o nome das comunidades que tem mais de três anos de funcionamento. Um sociólogo fez um questionário que uma equipe de pesquisadores devia aplicar "in loco". Ulteriormente os teólogos do Instituto Nacional de Pastoral refletiriam sobre os dados coletados tentando definir melhor esta opção Pastoral, que são as comunidades eclesiais de base.

Tocou-me visitar quatro comunidades do Regional Nordeste II que abrange os estados da Bahia e Ser-

gipe. Visitei com Irmã Assunta e Irmã Maria de Lourdes algumas comunidades de Dioceses e Dom Climério em Vitória da Conquista.

A paróquia de S. Senhora das Graças que iniciou o movimento há cinco anos, tem atualmente dezessete núcleos na cidade e trinta e três no interior.

Cada sábado às 20 horas os grupos se reúnem seja num barracão seja em casa, embora bem pobres, de um dos membros. No "Alto Marom" onde fomos, havia 27 participantes: homens, mulheres e jovens. A reunião constou de meditação, celebração e atuação da Palavra de Deus.

Cada participante colocava em comum o que lhe sugeria o trecho lido do Evangelho. Depois do salmo cantado e das preces, vários membros deram sua modesta contribuição em dinheiro. Parecia mesmo o óbulo da viúva. Prosseguiu uma troca de idéias para saber como ajudar um doente da comunidade, que precisava de tratamento. A oferta de Cr\$ 20,00 já pesou muito na caixa.

A comunidade funciona através dos animadores que moram nos bairros. Tem o líder do grupo que convoca as reuniões e cria o ambiente, o animador do culto que, às vezes, é analfabeto, e o responsável pela caixa comum. Estes dois últimos cargos principalmente, são preenchidos em rodízio para valorizar e formar as pessoas.

O que assume a comunidade? A catequese e a liturgia no bairro, promoções educativas através de aulas de alfabetização e clubes de mães; promoção sanitária através de cursos e campanhas, como as do filtro e da fossa. Não falta a parte recreativa: as festas são oportunidades de diversão sadia, de fazer conhecer a comunidade e de atrair novos membros.

Como os participantes julgam o movimento? Eles recebem estímulo, sentem-se valorizados, descobrindo o sentido da vida.

"A comunidade cria coragem para a luta". "Existe um clima de amor e de disponibilidades". "Nas reuniões a gente ouve palavras preciosas ditas por todos nós". "Na comunidade, encontrei o Cristo vivo e a fraternidade com os outros."

São palavras textuais.

Participei de um encontro dos animadores dos dezessete núcleos da cidade. Tivemos então amplo contato com a equipe e coordenação geral constituída por um padre, um seminarista e uma jovem leiga; os três se dedicam com tempo integral ao movimento comunitário.

Vê-se como eles se sentem realizados por esse trabalho que no momento acarreta bastante sacrifício. A equipe forma os líderes locais, o espírito evangélico de serviço e desapego e ensina técnicas e dinâmica de grupo: como estimular mas não forçar o ritmo das comunidades, distribuir as tarefas, preparar substitutos.

A equipe de coordenação não quer padronizar as comunidades mas respeita o feitio e a originalidade própria de cada uma. Principalmente quer aprofundar a intuição que levou a iniciar o movimento: uma opção de fé para receber e viver comunitariamente a Palavra de Deus, isto é, uma vivência do mistério cristão e não uma simples técnica pastoral.

A mesma opção de fé, confiando que a Palavra de Deus congrega e leva à conversão e à partilha com os irmãos, foi feita pela equipe de São Gonçalo, no subúrbio de Salvador. O Padre, as irmãs e a jovem leiga encarregados desta paróquia trabalham em total entrosamento, fazendo reflexão, planejamento e revisão constantes da ação pastoral.

O primeiro ano foi difícil, pois o povo esperava que as Irmãs cuidassem de obras como escola ou hospital e não desempenhassem um trabalho pastoral. No entanto, após quatro anos, em cada um dos 12 bairros florescem agora uma comunidade de base que tem seus próprios responsáveis. Guiados pelas Irmãs, os líderes assumem a promoção sanitária, educativa e pastoral do lugar. O feitio do trabalho corresponde melhor aos desejos do povo; mas o benefício principal é assegurar o desenvolvimento das comunidades, mesmo se circunstâncias contrárias obrigarem a equipe coordenadora a se afastar. A paciência e a firmeza desta equipe proporcionou o crescimento humano e cristão de vários membros em cada comunidade, que por sua vez já

está cuidando da preparação de seus próprios ministros.

Visitei estas comunidades no sábado de carnaval; houve, no entanto, boa participação. No decorrer da reflexão alguém disse com satisfação: "O carnaval é o que estamos fazendo agora", querendo dizer que a reunião é tão interessante como pular na rua. O povo descobriu que unido pode fazer alguma coisa. A esperança vai suplantando a resignação.

No Norte do Estado de Sergipe, visitei duas comunidades: a de Lagoa do Mato, povoado de 200 habitantes no Município de Porto da Cunha; e perto de Japarutuba, a fazenda comunitária "Jardina" que, em breve, se tornará cooperativa.

Admirei imensamente a coragem dos camponeses para se unirem e tentar algo em circunstâncias tão adversas. Em Lagoa do Mato, a seca mata qualquer plantação, fruto do trabalho braçal. No entanto, os camponeses cavaram uma pequena represa — que aliás encontrei já seca — e construíram um centro comunitário. Esta é a única casa de tijolos do lugar; nele funciona a escolinha e se fazem reuniões e festas. Os membros da comunidade projetam abrir uma estrada para chegar ao lugar; atualmente existe só um atalho de três quilômetros aberto em plena caatinga.

A equipe de coordenação diocesana e pastoral e os jovens do MEB (Movimento de Educação de Base) conseguiram incutir esperança nessa gente, levá-la a analisar seus problemas e a achar por si mesmos o início de solução. Esta equipe tem grande cuidado para não apresentar a Palavra de Deus com roupagem alheia e para fazer com que o povo se alimente de sua própria sabedoria.

Um outro tipo de trabalho comunitário foi o da Fazenda "Jardina". Diante das condições de vida dos camponeses, sem nenhum recurso, a equipe paroquial, Padres e Irmãs, tentou com a ajuda de fora dar terras ao povo. Criou uma vasta fazenda comunitária onde os assalariados se tornaram gerentes, e em parte, donos. Só um árduo trabalho de formação de espírito comunitário e de liderança, conseguiu este resultado. O regimento estabelecido pelos participantes rege todo o trabalho. A comunidade vai se firmando e os camponeses acham que os dias vão passando ligeiros pois trabalham com gosto.

Sabem fazer dos interesses dos companheiros seus próprios interesses. Não é isto sólida base humana

para construir uma comunidade eclesial de base?

A última comunidade visitada foi no bairro Califórnia, em Itabuna. Ela é principiante mas já se percebe que as mulheres tomam consciência de seu valor e sabem olhar o interlocutor. As Irmãs são muito queridas pelo povo, que colabora com elas para levantar o barracão comunitário, promover campanhas sanitárias educativas e organizar a liturgia.

Para mim as comunidades de base constituídas por este povo sofrido são um grande questionamento para a vida religiosa. O Cristo nos diz em São Lucas VI, 20: **"Bem-aventurados vós que sois pobres, porque vosso é o reino de Deus!"**

Será que criamos um ambiente sério e espaço interior de pobreza suficientes para que o reino seja nosso, nós que vivemos de seus valores e queremos dar testemunhos?

Será que nossas comunidades fazem uma autêntica partilha de bens materiais e espirituais e que estamos totalmente a serviço da comunidade maior que é a Igreja local?

VIDA RELIGIOSA

Experiências e Testemunhos

I

A ORAÇÃO

Os Superiores Gerais costumam se reunir periodicamente em Villa Cavalletti para tratar de algum assunto importante que seja de interesse de todos. Em dezembro de 1972, de 4 a 7, trataram do tema: Oração. O apanhado final deste tema é o que damos a seguir.

Esclarecimento preliminar:

Mais uma vez é preciso sublinhar a finalidade de nossos encontros não oficiais em Villa Cavalletti.

Não se trata de encontros tipo Conferências Episcopais ou de Capítulos Gerais ou de Capítulos Intercongregacionais para aprovação e ponto de partida a respeito de decisões de grupos. Nem se trata de declarações de princípios. Nesta hipótese não seria suficiente um

inquérito mas seria indispensável um texto de trabalho com discussões e aprovação mediante votação de um texto conclusivo.

Trata-se antes de encontros fraternos, não oficiais, que permitem aos Superiores Gerais comparar seus problemas, trocar suas experiências, refletir juntos, para que cada um, ajudado e encorajado pelos demais, possa tomar, com relação a seu Instituto, atitudes evangélicas mais adaptadas aos sinais dos tempos.

1. Papel do Superior Geral

Cada Superior Geral está consciente de seu papel de **animador** (pai, pastor e mestre). Os Capítulos Especiais, aplicando os princípios de subsidiariedade, de colegialidade, que deixam a cada um as suas responsabilidades, solicitaram aos Superiores Gerais que assumam a dimensão essencial de seu cargo.

Seu papel não se define apenas pelo exercício do poder, antes, ele se define pelo dever na **animação**: dando vida às iniciativas mais válidas; ajudando cada religioso e cada grupo a situar-se no plano da salvação em Cristo Jesus, com aqueles acentos evangélicos típicos do próprio fundador e com aqueles carismas que seu Instituto tem por missão oferecer à Igreja de hoje.

O Superior Geral tem, pois, o dever de ajudar os próprios irmãos a reconhecer a presença criadora de Deus, na qual deve entrar e fazer entrar. Este é o seu papel de animador.

2. União entre oração e apostolado

Com crescente insistência se sublinhou que não é possível tratar o assunto oração sem levar em consideração a interdependência existente entre oração e apostolado. A mais autêntica oração é síntese de toda atividade humana.

Todos concordamos que é sedutor o **slogan**: "Não há necessidade de rezar. Toda ação é oração." Não é imaginável um autêntico apostolado sem união com

Cristo e sem uma firme e lúcida convicção pessoal: levar os homens a Cristo e por meio de Cristo ao Pai. É indispensável horários explicitamente dedicados à oração.

A contínua formação à oração de louvor, de agradecimento, de súplica, de conversão e de arrependimento corresponde à presença dinâmica e ativa de Deus na história da salvação, nos sacramentos, na Igreja, de modo que a resposta humana desabrocha do crescente conhecimento de Deus, torna este mesmo conhecimento testemunho de vida, de apostolado, de ação, de caridade fraterna. A oração leva o homem a defrontar-se com Deus. A união mais sentida com Deus inspira e transforma a ação.

3. Atitude de fé e teologia

A oração é o respiro da fé. É expressão e aumento de fé. No centro de uma renovação da oração está a visão de fé que frutifica em caridade para a vida do mundo. A fé torna-se critério vigilante dos sinais dos tempos. É acolhida alegre, reconhecida e humilde da revelação e da presença ativa de Deus e de seu desígnio a nosso respeito, a respeito da Igreja e do mundo. A acolhida torna-se sempre mais dom de nós mesmos e empenho total para o desígnio de Deus.

Sempre se sublinhou que a teologia tem um papel essencial a desempenhar a este respeito. Uma teologia exclusivamente especulativa e desinteressada da vida não é válida para a salvação.

Uma autêntica formação teológica é, ao mesmo tempo, escola de oração e escola de apostolado, conduz a uma profunda consciência de Deus e de seu desígnio e que não se separa jamais do amor de Deus e do próximo.

É fator decisivo que toda a formação se desenvolva num ambiente de viva fé, de louvor a Deus e de zelo pela salvação.

4. Palavra de Deus. Oração.

Partindo das diversas experiências (casas de oração, escola de fé, experiências apontadas pelos Superiores Gerais) foi igualmente relevado a união indissolúvel entre Palavra de Deus, oração individual e comunitária e vida realmente fraterna em comunidade.

A Palavra de Deus, contida no Antigo Testamento, é obra da comunidade de Israel e que fala ainda hoje às nossas comunidades. A mesma Palavra de Deus do Novo Testamento é obra do Verbo Feito Carne e que **“recolhe na unidade os filhos de Deus dispersos (Jo 11, 52).”**

Esta palavra nos leva ao conhecimento de Jesus Cristo a quem dizemos **Amém** com a adesão de nossa oração individual e comunitária, especialmente na celebração eucarística.

Esta palavra, porém, para que seja alimento e vida, fonte de oração e encontro fraterno precisa ser reconhecida fugindo-se de uma exegese puramente técnica e de uma interpretação inteiramente subjetiva.

5. Testemunho dos representantes de outras Igrejas

A Assembléia reconhece o enriquecimento trazido às próprias reflexões pela presença de irmãos de outras Igrejas e comunidades. Este testemunho, a insistência sobre a absoluta necessidade da oração para a vida cristã, as sábias intervenções nas discussões, frutos de recentes experiências ou de antigas tradições, contribuíram para dar uma dimensão mais profunda e mais rica da presença do Espírito Santo no mundo de hoje.

6. Os Superiores unidos na oração

Conscientes de que suas reuniões não se podem efetuar apenas ao nível de discussões e de debates; conscientes também de que a oração se aprende orando, os Superiores Gerais tentaram inserir nas suas discussões um contínuo apelo à presença dinâmica de Deus, pondo a celebração eucarística no centro de cada dia de trabalho e iniciando-o com a audição da Palavra de Deus, meditando comunitariamente sobre ela num espírito de fé e confiança recíprocas.

HINDUÍSMO E MONAQUISMO CRISTÃO

Além dos contatos entre missionários católicos e o monaquismo hindu nos séculos passados, hoje se apresentam diversas possibilidades de diálogo partindo dos numerosos valores que o monaquismo católico e o hinduísta têm em comum: a estima pela contemplação e pelo silêncio, o amor à pobreza e à simplicidade de vida, a renúncia a tudo e, por fim, o celibato. Um verdadeiro diálogo entre os dois credos poderá começar neste nível.

O hinduísmo começou o diálogo com o cristianismo pelo simples plano espiritual e através de seus monjes. O ascetismo indiano atrai o povo, mesmo aquele de mentalidade materialista. Infelizmente não demos a devida importância ao diálogo com o hinduísmo através de seu monaquismo e de seus aspectos espirituais.

É preciso se admitir que não se trata de uma tarefa fácil. Um *sannyasi* solitário e silencioso, pereneamente a caminho agride mais violentamente a imaginação do que uma comunidade cenobítica fervorosa e edificante. Malgrado às dificuldades é preciso encontrar o modo de apresentar nosso ideal aos indianos.

Os primeiros contatos

Ninguém ignora que tivemos maravilhosos missionários católicos que

viveram a vida perfeita do *sannyasi*. Roberto Nobre, no século XVII, foi um dos maiores missionários de todos os tempos. Os hindus acolheram-no como um brâmane romano e como um verdadeiro *sannyasi*. São João de Brito, no mesmo século, recebeu dos hindus o título de *Pandara Swami*; e, em nossos dias, o célebre abade Monchanin, chamado pelos seus admiradores Parama Arubi Anandam e o Padre Lambert, OCD, conhecido como Swamy Achutananda Saraswati.

Estes e outros personagens prestaram um precioso trabalho à Igreja na Índia. Mas seu diálogo em nível de vida religiosa deu-se, quase por assim dizer, pelo avesso. Eles mostraram a validade espiritual do hinduísmo e a sua adaptabilidade ao cristianismo. Este é um fato que representa um passo gigante no caminho da adaptação missionária. Mas não mostraram aos hindus a verdadeira feição do monaquismo católico.

O homem Gandhi

Pode-se deduzir o quanto o hindu é sensível à atração espiritual, seja lá onde for, pela reação do jovem Gandhi em seu primeiro encontro com o monaquismo católico. Paradoxalmente, foi o silêncio monástico que o atraiu para o diálogo. Gandhi se encontrava no Sul da África para fazer as primeiras

experiências na luta não violenta. Um dia aconteceu visitar uma abadia trapista. Observando o silêncio dos monjes perguntou ao abade o que significaria aquela prática. O abade lhe explicou como somente no silêncio a alma pode escutar a leve voz de Deus que fala dentro de nós.

A partir daquela data Gandhi começou a dedicar um dia por semana ao silêncio e à meditação e continuou esta prática até à morte. Nunca mais se esqueceu da experiência tida entre os trapistas. O silêncio, a oração e o trabalho manual no silêncio daqueles monjes foram para ele a fonte perene de inspiração. Quarenta anos mais tarde escrevia:

— Vivo ainda sob o impacto salutar do doce silêncio daquelas celas.

Problema de adaptação

A vida religiosa, como afinal toda a Igreja, deve se adaptar às condições do país onde se encontra. Todos estão de acordo. Mas nem todos se conscientizam de que a adaptação à cultura da Índia não pode significar imitação servil do hinduísmo. Seja qual for a utilidade que teve esta imitação no passado, hoje muitos hinduístas, sobretudo os mais instruídos, observam-na e a interpretam como um engano. Preferem ver o cristianismo em sua forma autêntica, indianizado mas não hinduizado. Mesmo a indianização não é um processo que se possa realizar de hoje para ama-

nhã. Demanda tempo e se realiza gradativamente.

O que por primeiro se deve fazer é atrair a atenção do hindu para os valores essenciais da vida religiosa do catolicismo e, sobretudo, para seu caráter escatológico. Para o hindu a vida de um **sannyasi** é algo sempre visto como essencialmente ultraterreno. O **sannyasi** pode mover-se entre a massa, mas ele estará sempre fora dela. Para o hindu, o monje é antes de tudo um testemunho, um mensageiro do outro mundo. O seu serviço à humanidade é essencialmente espiritual. Tudo mais é accidental. Quando um **sannyasi** atinge a perfeição torna-se um **dharmamegha** (uma nuvem de virtude) que gira pelo mundo fazendo chover bênçãos.

Aspectos semelhantes

Há alguns aspectos da vida religiosa católica que impressionaram de maneira particular a alma hindu. Já observamos a reação de Gandhi frente ao silêncio trapista. É uma reação totalmente natural à alma hindu. O **sannyasi** é um **muni**, alguém consagrado ao silêncio. O silêncio é a sua pregação.

Na sua grande obra teológica, Sankaracharya conta o episódio do asceta Bahva que um dia fora convidado pelo rei Vashali para discursar sobre Deus diante da corte real. Chegando ao palácio, Bahva se assentou em silêncio diante do rei e de seus ministros. Repetidas vezes chamado a atenção para a finalidade de sua visita, o asceta por fim respondeu:

— Estou falando mas vocês não entendem nada. Ele é Silêncio.

O místico hindu Tayumana Swami chama a Deus de Senhor do Silêncio porque somente no silêncio ele fala à alma. Quando Manu impôs silêncio ao *sannyasi* recordou-lhe simultaneamente que deveria ocupar-se continuamente de meditar sobre Deus. Com facilidade se conhece uma pessoa quando absorta em Deus e quando não. Ninguém se engana pelo silêncio externo. É exatamente a presença de Deus em nós e o nosso viver nele que temos de revelar aos hindus mesmo se nosso apostolado não consiste na observância de absoluto silêncio.

Mais importante que o silêncio é a perfeita renúncia = *sam-nyasa*, donde *sannyasi*. Podemos admirar a absoluta pobreza do *sannyasi*, mas para impressionar o hinduísta com nossa vida religiosa precisamos nos abeirar o mais possível do seu ideal de pobreza.

Um dos segredos do extraordinário sucesso de Mahatma Gandhi e de seu discípulo Vinoba Bahva foi exatamente sua perfeita pobreza expressa externamente em cada coisa. A alma hindu não resiste à atração de semelhante pobreza. Mas a pobreza é apenas um aspecto da vida religiosa. O asceta hindu procura atingir a perfeita indiferença nos confrontos com todas as adversidades mediante a prática da pobreza e da renúncia. Pode ser que em muitos casos trate-se apenas de uma ginástica psico-intelectual em nível puramente natural. Mesmo se assim

fosse, o resultado é sem dúvida admirável. Os nossos esforços em nível sobrenatural não deveriam produzir resultados menos admiráveis.

Também o celibato ocupa no quadro espiritual hindu um lugar de honra. Trata-se de uma virtude, por excelência, do outro mundo. Mas é ao mesmo tempo a mais vulnerável. Por esta razão Manu prescreveu uma série de precauções para defesa da pureza: a guarda dos sentidos, a fuga das tentações e da familiaridade com as mulheres, a mortificação dos apetites, a purificação dos pensamentos, a modéstia e a compostura do procedimento.

Frente a esta riqueza espiritual, pode-se concluir com o Concílio quando este escreve no Decreto sobre as religiões não cristãs, n.º 2:

— No hinduísmo os homens perscrutam o mistério divino e o exprimem com a inexaurível fecundidade dos mitos e com as penetrantes tentativas de sua filosofia que busca a liberação das angústias da nossa condição seja através de formas ascéticas, seja da meditação profunda, seja no refúgio em Deus com amor e confiança.

Um diálogo sincero com o hinduísmo deve partir deste reconhecimento.

A VELHICE NA VIDA RELIGIOSA SILENCIOSA ALEGRIA INTERIOR

Em outros tempos quando os velhos eram poucos na sociedade, dava-se-lhes uma função de grande importância. Os papéis diretivos mais importantes eram reservados a eles. Hoje a situação está profundamente mudada. A velhice, entretanto, deve ser vivida como uma graça e uma tarefa oferecidas por Deus e expressão de sua vontade. Quais as interrogações que as comunidades religiosas levantam diante do problema? Como resolver o problema do religioso ancião? CONVERGÊNCIA apresenta uma experiência de uma congregação e o testemunho de uma religiosa.

A. EXPERIÊNCIA NA BÉLGICA

Escreve a Irmã Maria Marcela de Maeght, Superiora Geral da Congregação Belga das Irmãs da Apresentação, sobre a experiência realizada em sua congregação.

Na nossa congregação, atualmente com 170 membros, 85% das irmãs já atingiram os 60 anos. Refletimos muito, especialmente com os olhos no futuro, sobre a fundação de uma casa adequada, uma espécie de casa de repouso, para as irmãs anciãs que não podem mais se ocupar da escola e da educação, escopo principal de nosso Instituto. Mas o projeto foi abandonado completamente porque as

religiosas anciãs são totalmente contrárias. Elas desejam permanecer nas comunidades, juntamente com as irmãs jovens e ativas, onde viveram e trabalharam.

Até agora isto foi feito com facilidade, também porque as irmãs que se dizem anciãs ainda se sentem muito bem. Em toda a congregação as irmãs que realmente precisam de assistência pessoal são apenas três.

Em geral, as irmãs que deixam o magistério, por razão de idade, continuam trabalhando em nossos internatos. Evidentemente não são obrigadas. Todas o fazem espontaneamente. Quando a atividade no internato é muito pesada para elas, assumem então trabalhos na secretaria da escola ou de alguma outra comunidade religiosa. Uma irmã que foi diretora de escola, hoje trabalha, por livre escolha, na cozinha e se julga bem engajada. Outra que podia continuar no magistério foi trabalhar numa casa de retiros. Às vezes penso também na reciclagem e na requalificação das irmãs. Mas no momento a questão não é tão urgente assim.

O que uma irmã faz depende muito dela. Quem quer trabalhar encontra suficiente trabalho e adaptado, um trabalho que traz satisfa-

ção. Há irmãs que com a idade tornam-se apáticas. Para estas não é aconselhável descobrir uma ocupação qualquer porque seja aparentemente, seja realmente não revelam desejo nem vontade de fazê-lo.

Numa de nossas comunidades foi fundada uma espécie de círculo onde as irmãs anciãs fazem tricô e costuram para os pobres dos arredores que são visitados por alguma religiosa da comunidade. Trabalham também em prol de nossa missão do Zaire.

O verdadeiro problema de nossas irmãs anciãs é este: elas são a

maioria e o peso de sua mentalidade é determinante, por isso é cada vez mais difícil fazer viver de maneira razoável as irmãs jovens em comunidades assim envelhecidas. Penso que se deveria tender para uma renovação interior, em todas nós, numa dimensão de vida religiosa mais aprofundada. Nossas tarefas apostólicas tornam-se sempre mais pesadas e as nossas comunidades sempre menores. Faltam vocações novas. Seremos obrigadas a fechar algumas casas e renunciar a algumas obras apostólicas. Também para isso precisamos nos preparar interiormente.

B. UMA IRMÃ AOS 80 ANOS

Hoje entrei na casa dos oitenta!

Exatamente há cinquenta e cinco anos atrás, uma religiosa anciã me dizia: "No início da vida religiosa somos embalados pelo entusiasmo. Mais tarde, só a vontade nos comanda!" Pensava então comigo: "Mais uma irmã anciã amargurada porque não encontrou no convento aquilo que procurou."

O entusiasmo e o idealismo pertencem apenas a juventude? Não. Hoje, entretanto, quando do vértice de meus anos considero minha vida, gostaria de dirigir algumas considerações sobre a vida de comunidade. Por muitos anos tivemos de aprender uma porção de coisas da vida religiosa, mas não fomos preparadas para a velhice. Ou talvez eu esteja enganada? Cada um precisa se educar para a velhice. Ninguém torna-se velho de hoje para

amanhã. Toda a vida é um contínuo adeus e um contínuo despedir-se. Aquele que não supera positivamente cada fase de sua maturação não se envelhecerá de maneira adequada. Torna-se apenas decrépito. Mas como fazer para superar as diversas fases da maturação? A vida religiosa pode oferecer muitos subsídios.

O primeiro deles, os exercícios espirituais. Mas o que dizer quando o pregador tem diante de si

uma platéia de religiosas que inclui irmãs desde 21 até 75 anos? Os votos são um argumento praticamente obrigatório. Nunca, entretanto, se leva em consideração a problemática específica das diversas idades. Por exemplo, para uma irmã que se encontra no período da menopausa, as dificuldades relativas à castidade são bem diversas daquelas de uma irmãzinha de seus vinte anos.

Os votos, por isso, deveriam ser tratados de maneira sempre nova e adaptando os argumentos às diversas fases da maturação. Um grande subsídio poderiam oferecer os exercícios feitos por grupo de idades com a colaboração de médicos, pastores de alma e psicólogos.

Casa de repouso?

As irmãs ficam muito tempo em seus postos de trabalho e de comando. Isto não é devido apenas a falta de vocações. Na realidade, muitas irmãs têm verdadeiro terror de serem convidadas para um período de repouso. "No convento pode-se estar mais solitário do que perdido numa ilha."

É realmente de estranhar que religiosas depois de seus 70 anos continuem ainda trabalhando, quando os leigos aos sessenta anos estão aposentados. As irmãs têm constituição física diferente das demais senhoras que vivem na sociedade? Creio que não.

Quando as irmãs não querem de maneira alguma deixar o seu posto de trabalho seria bom procurar os motivos. Trata-se talvez do receio

de ser mandada para uma casa de repouso? Como é a atmosfera nestas casas? A irmã talvez tema perder aquela liberdade que o trabalho lhe garante, o contato com as pessoas, a possibilidade do movimento?

Também eu tive estes receios. Quando tive de deixar o magistério, por motivo de saúde, pareceu-me que ia morrer. Olhava com inveja a atividade de minhas co-irmãs mais jovens do que eu. Hoje agradeço a Deus, de joelho, ter compreendido não dever interferir-me no seu trabalho. "Também elas deviam fazer suas experiências." E como me admirava que tantas daquelas jovens religiosas viessem se aconselhar comigo.

O mesmo me aconteceu com respeito ao hábito religioso. Quando foi mudado opus-me com todas as forças. Por cinquenta anos tive os cabelos escondidos, por que agora depois de velha deveria mostrá-los? Felizmente alguém me fez compreender as razões secretas de minha resistência. "Quando tinhas os cabelos belos, negros e fluentes foste obrigada a tê-los escondidos. Agora que se tornaram brancos e mais ralos, és tu quem deseja escondê-los." Envergonhei-me, mas foi uma vergonha salutar.

Mas por que razão todos devem levar o mesmo hábito no convento? Qual será a vovozinha de noventa anos que teria pela cabeça imitar a netinha ou a bisnetinha ou vice-versa? Estas minhas considerações são revolucionárias por acaso? Nada disso. Já ultrapassei os limites de tudo isso.

A velhice no convento não é fácil. Mas o acaso ela é fácil para os homens e as mulheres que vivem no mundo? Levar a vida avante com uma aposentadoria mínima e sem assistência é, sem dúvida, mais difícil do que suportar um pouco de solidão e de falta de trabalho.

“Uma noviça — diziam-me no noviciado — deve ser um modelo.” Desde aquela época me perguntava: “Não é um absurdo, na realidade? Uma noviça ainda nem começou. Como pode, sem farisaísmo, ser

piedosa, paciente, segura como uma irmã idosa e experimentada?”

As comunidades religiosas deveriam oferecer subsídios às pessoas anciãs. Os velhos gostam de olhar para trás. Os religiosos, porém, precisariam superar esta tendência. É preciso por-se a caminhar cada dia. Não se pode apegar-se. Com o coração cheio de alegria podemos dizer: Cada dia que passa seja um crescimento novo e ascensional. Uma nova criação.

Irmã Alexis.

4

O PAPEL DOS RELIGIOSOS NO TESTEMUNHO DA JUSTIÇA

O Documento do Sínodo dos Bispos de 1971 A Justiça no Mundo vem recebendo comentários de maneira sistemática e aprofundada. O Padre Pedro Arrupe, SJ, Geral da Companhia de Jesus, quando Presidente da União Internacional dos Superiores Gerais, escreveu um comentário de 70 páginas que a Comissão Pontifícia Justiça e Paz publicou sob o título Témoigner Pour La Justice. CONVERGÊNCIA transcreve duas páginas específicas para os Religiosos.

Seja-me permitido, neste momento, dizer uma palavra sobre a contribuição particular que os religiosos dão para a justiça no mundo. Já falamos da função de testemunhar a que são chamados a exer-

cer em razão de uma vocação e de um carisma específicos. Os religiosos não devem somente pregar a justiça mas sobretudo testemunhá-la com a vida e as atividades.

Pusemos, então, em relevo o papel que, face a situações tão diversas, a comunidade local pode dar para discernir os sinais dos tempos e decidir sobre o modo de agir que melhor corresponda a cada situação concreta.

Numa época em que o mundo tende a se tornar, cada dia mais, uma aldeia global e todos e cada um dos problemas interdependentes e de caráter universal se entrecruzam, seria trágico limitar o testemunho e a função profética da Igreja ao nível local e/ou nacional.

O Sínodo dedicou uma secção inteira de seu documento à ação internacional, onde sugere muitas esferas e muitas áreas nas quais esta ação precisa ser exercida. Temos, pois, que insistir sobre a importante contribuição que as congregações religiosas de homens e de mulheres podem dar à promoção da justiça em âmbito internacional.

Para ultrapassar as presentes desigualdades e divisões, para ultrapassar o estado de pobreza, de impotência e de dependência no qual vivem dois terços da família humana, somos chamados a promover uma visão internacional e universal do homem e da sociedade. Somos chamados a levar o mundo a se convencer de que a justiça internacional, a paz e a solidariedade são essenciais, se queremos sobreviver.

Os religiosos têm uma especial responsabilidade, uma vez que se trata de criar e desenvolver neles mesmos e nas comunidades cristãs no meio das quais trabalham uma atenção internacional e uma visão universal dos problemas de hoje. "O Soberano Pontífice pode, em razão do primado sobre a Igreja Universal, que lhe é próprio, em consideração ao interesse comum subtrair todos os institutos de perfeição e cada um de seus membros à jurisdição dos Ordinários do lugar e subordiná-los a sua única jurisdição," **Lumen Gentium**, n.º 45.

Esta preocupação que devem ter os religiosos pelo bem da Igreja Universal poderia se refletir numa consagração a alguma das neces-

sidades pastorais e missionárias mais urgentes. Fazer penetrar em todos um verdadeiro amor e um respeito ao próximo que ultrapassem os estreitos limites de seu próprio país e de sua própria cultura e que abranjam a humanidade inteira.

Em razão deste caráter universal, em razão do fato de que numerosas congregações religiosas trabalham tanto em países ricos como em países pobres, tanto num mundo industrializado como num mundo em vias de desenvolvimento, parece então que os religiosos sejam idealmente constituídos para testemunhar, pela vida e por suas atividades, dimensões internacionais da justiça e para promover o diálogo, a compreensão, a colaboração entre todas as nações.

Para responder ao apelo do Sínodo para uma ação em favor da justiça, para corresponder ao apelo do Santo Padre, por ocasião do Ano Novo de 1972, a União dos Superiores Gerais (USG) e a União Internacional das Superiores Gerais (UISG), em estreita colaboração com a Comissão da Justiça e da Paz, lançaram a 15 de março de 1972, um Ano da Paz e da Justiça. O objetivo principal deste programa de um ano foi criar nas Cúrias Generalícias dos Religiosos com sede em Roma, uma consciência mais profunda dos problemas da justiça mundial e do seu papel nesta área. Esperamos sinceramente que este programa contribuirá para tornar os religiosos mais conscientes de seu papel específico que é dar testemunho de justiça pela vida e pelas atividades.

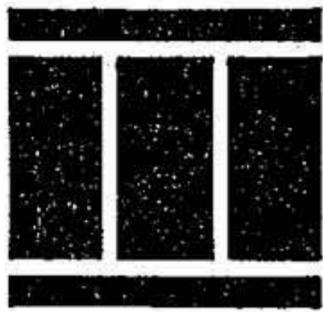
TEOLOGIA E BÍBLIA, de Karl Rahner. Tradução do original alemão **Schriften zur Theologie** por Edvino Roger. Edições Paulinas, 1972. Páginas 200.

Na vida atual da Igreja observa-se em toda parte uma preocupação cada vez mais consciente com a Bíblia. É constante a repetição de que a Bíblia é a palavra de Deus.

Mas parece que nem sempre há uma consciência muito clara, pelo menos na prática, de que sendo a Bíblia a palavra de Deus em virtude da inspiração, é ao mesmo tempo obra literária escrita em línguas históricas particulares, dentro do horizonte de uma cultura que já passou há dois mil anos. Na realidade, não pode existir palavra verdadeira e eficaz de Deus enquanto temos apenas letra morta, inacessível ininteligível. Para haver palavra no verdadeiro sentido é necessário que ela transmita uma mensagem inteligível.

Tirar a palavra da Bíblia de seu contexto histórico, interpretar o sentido da mensagem original que o autor divino e os autores humanos quiseram comunicar, eis a tarefa dos exegetas. Mas isto não basta. Depois de assim estudado o seu sentido original e entendida a sua mensagem permanente, é preciso explicá-la, aprofundá-la e aplicá-la à fé de hoje, de cada momento da evolução histórica da Igreja. Este é o trabalho dos teólogos. São dois momentos, duas fases de uma mesma função teológica, sob a orientação do magistério, dentro da Igreja.

Época houve em que os exegetas, quase esquecidos de sua função teológica na Igreja, restringiam-se praticamente às suas pesquisas histórico-filológicas, enquanto muitos teólogos re-



**ESTANTE
DE LIVROS**

corriam à Escritura, apenas para delas extraírem algumas palavras isoladas em confirmação de suas teses. Felizmente esta fase está sendo superada. Teologia e exegese só podem cumprir tarefa que lhes incumbe a Igreja, se trabalharem na mais estreita colaboração. O exegeta não deverá nunca se esquecer de sua função teológica e o teólogo só pode fazer teologia verdadeira se tiver sempre os olhos fixos na Escritura, e esta esclarecida pelo seu colega exegeta.

Teólogo atento aos mais variados aspectos e problemas do homem e da Igreja atual, KARL RAHNER não poderia deixar de dirigir a sua penetrante reflexão sobre questões tão centrais como as relações entre Escritura e Tradição, teologia e exegese, teólogos e exegetas.

O presente volume apresenta uma seleção dentre os escritos do grande teólogo jesuíta relacionados com a Sagrada Escritura.

SAGRADA ESCRITURA E TEOLOGIA mostra que o ponto de referência constante, a **norma non normata** da teologia, a sua única fonte original é a Sagrada Escritura.

EXEGESE E DOGMÁTICA é uma palavra sincera e aberta sobre as relações entre os dogmáticos e os exegetas, como são e como deveriam ser.

ESCRITURA E TRADIÇÃO mostra não haver propriamente duas fontes justapostas de revelação e que existe um sentido católico da **sola Scriptura**.

TEOLOGIA EM O NOVO TESTAMENTO estuda a questão da reflexão teológica que, ao lado e a partir dos dados revelados originais, já existe em o No-

vo Testamento, como início da evolução dos dogmas.

THEÓS EM O NOVO TESTAMENTO é um longo estudo exegetico sobre o sentido da palavra Theós em o Novo Testamento, em que se conclui que em o Novo Testamento esta palavra não se refere a Deus em geral ou à Trindade, mas em particular a Deus Pai.

COMUNICAÇÃO, EXPRESSÃO E CULTURA BRASILEIRA, Maria Helena Silveira. Volume IV. Editora Vozes Ltda. Ano 1973. Páginas 230.

Para atender a nova estruturação do ensino, em que se exige que os livros destinados às classes de língua vernácula sejam **instrumentos de comunicação e expressão da cultura brasileira**, Maria Helena Silveira elaborou a presente obra, em quatro volumes.

Nos dois primeiros volumes a preocupação é analisar a cultura brasileira, além da adequada procura de desenvolvimento do pensamento reflexivo. Ao mesmo tempo investigam-se o problema de conotação/denotação, introduz-se à análise de livros, iniciam-se técnicas de fichamento, etc., e dá-se todo valor à expressão oral (pelo trabalho de grupo) e à expressão escrita (pela redação individual).

As unidades que compõem os volumes 3 e 4 são, sem dúvida, **os primeiros livros, no Brasil, para o ensino médio**, que tentam colocar a nível do aluno, os mais novos conceitos de linguística. Introduzem o aluno nos conceitos básicos de significante/significado, signo, cadeia de fala, sistema/norma/fala, sincronia/diacronia. No que toca às funções da linguagem, o trabalho é

centrado na mensagem: função poética, literatura, anúncios etc., terminando pela análise dos meios de comunicação de massa.

Este quarto volume, em particular, continuando a explorar textos de autores nossos, que falam e escrevem uma língua falada e escrita no Brasil, hoje, leva o aluno a relacionar os centros-de-leitura com o **aqui** e **agora** em que vive (através da leitura de textos de revistas e de jornais, de pesquisas na comunidade, da análise de outros meios de comunicação de massa), buscando sua posição no mundo.

Ao terminar esta faixa de sua educação ele deverá ser capaz de autonomia intelectual, de independência de julgamento para discernir o lógico, o científico, o humano e de saber que língua é algo de dinâmico e que cada indivíduo pode desenvolver sua competência linguística à medida em que usa seu idioma.

Escreve a autora na apresentação deste quarto volume:

— O caminho percorrido lentamente continua no presente volume. Cada aluno andando em seu próprio passo, participando nos grupos de trabalho que o irão levando a autocorreção, discutindo com elementos da mesma faixa etária irá chegar à logicização de seu pensamento, à reflexão sobre a realidade do outro e sobre si mesmo como o outro dos outros, o que seria a consecução de objetivos da área de Comunicação e Expressão dentro do processo educacional.

São altos os objetivos deste volume. As intenções se orientam pelo respeito aos jovens confiados ao trabalho de

uma escola aberta e confiantes em seus orientadores. Mas que seria o homem se não fosse a utopia a animá-lo a andar, abrindo-lhe as janelas do futuro?

A consciência de estar inseridos num dever e o sentido de responsabilidade pela sociedade futura de seu país animaram durante anos um grupo de professores a fazer este trabalho.

Todas as propostas estão em discussão, procurou-se apenas uma coerência quanto ao predomínio de um enfoque linguístico para que o adolescente soubesse que a língua é um fazer-se e que cada indivíduo pode desenvolver sua competência linguística à medida em que usa seu idioma.

ESTRUTURALISMO E TEORIA DA LITERATURA, Luiz Costa Lima. Editora Vozes Ltda. Ano 1973. Páginas 500.

A Editora Vozes lançou a Coleção MESTRADO onde serão publicados trabalhos de professores brasileiros, ou que aqui estudem, com o fito de levar o trabalho de Pós-Graduação ao alcance de maior número de pessoas. Estão programadas teses de Literatura, Francesa, Inglesa, Brasileira, Portuguesa etc., Teoria da Literatura, Linguística, Semiologia, Sociologia, Psicologia, História. Mais um esforço da Editora Vozes na tentativa de divulgação e promoção do alto nível de trabalho realizado na Universidade Brasileira destacando-a e democratizando seu produto cultural.

ESTRUTURALISMO E TEORIA DA LITERATURA é o primeiro lançamento desta coleção.

Tal como usualmente pensada, a Teoria da literatura não passa de re-nominação da antiga estética literária. Para inaugurá-la ainda, cabe desobstruir seus fundamentos. Onde porém encontrá-los? Desde logo, na correção de seu equívoco, que consistiu em partir da afirmação da existência da literariedade, quando esta só poderia repon-tar depois de esboçado o campo do teórico e não previamente a ele.

Para que a teoria da literatura vença este estágio é preciso que pense suas relações com a estética, porquanto a esta sempre foi confiada a tarefa de dizer o que era a arte e a literatura. Para chegar-se a esta, depois de conhecidos e descartados alguns pressu-postos da estética, cabe localizar-se o discurso literário como uma espécie entre outras próximas — as dos discursos místico e onírico — cada uma especificada pela maneira diversa como se combinam seus "átomos".

Uma Teoria da Literatura, hoje, desligada da problemática estética e não confundida com um conjunto de processos de descrição, é necessariamente teoria de uma região de discursos, os chamados discursos de re-presentação, que desvelam o que o discurso comum, "objetivo" e/ou prático, mascara. Para fazê-lo, se há de desconstituir o bloqueio do sintagmático e transformar sua linearidade visível em uma geometria paradigmática. Este é o desafio que o autor se impôs, a partir de uma reflexão sistemática sobre a obra de Claude Lévi-Strauss.

NOVO TESTAMENTO, Edições Paulinas. Ano 1969. Segunda edição. Páginas 400. Rica encadernação. Muito boa apresentação gráfica.

É a tradução dos textos originais, com abundantes notas, dirigida pelo Pontifício Instituto Bíblico de Roma. Trabalho de responsabilidade dos Pe. Frederico Dattler, SVD, Frei Daniel de Conchas, OFM Cap., Pe. Léo Persch, Pe. Antônio Charbel, SDB, Pe. Joaquim Salvador, SDB, Pe. Lucas Caravina, SSP e Frei H. Dalbosco, SSP.

ENSAIOS DE ANTROPOLOGIA ESTRUTURAL, Roberto da Matta. Editora Vozes. Ano 1973. Páginas 180.

Roberto da Mata é Mestre e Doutor em Filosofia, em Antropologia Social pela Universidade de Harvard e Professor do Departamento de Antropologia do Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro e coordena o Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Iniciando suas pesquisas entre os índios de língua Jê do Brasil Central em 1961, é autor de um livro e inúmeros artigos sobre a organização social e o simbolismo destes grupos tribais, publicados no Brasil e no Exterior.

Seus interesses, porém, não se limitam ao campo específico do estudo de sociedades indígenas mas procuram também abranger algumas instituições do mundo moderno.

Neste livro, Roberto da Matta oferece ao leitor quatro ensaios na linha estruturalista, expressivos das possibilidades da Antropologia Social moderna. 1.º) Mito e Autoridade Doméstica, pá-

gina 19. 2.º) Panema: uma tentativa de análise estrutural, página 63. 3.º) Poe e Lévi-Strauss no Campanário ou A Obra Literária como Etnografia, página 93. 4.º) O Carnaval como um Rito de Passagem, página 121.

Ao estudar estes quatro temas, Roberto da Matta procura revelar como, afinal, o homem está sempre manipulando um mesmo repertório de símbolos, combinado de modo diverso em cada situação. E o que distingue a sua abordagem é uma profunda experiência antropológica, fundada em pesquisas de campo prolongadas e disciplinadas por uma rigorosa formação acadêmica.

ESTRUTURA E FUNÇÃO NA SOCIEDADE PRIMITIVA, A. R. Radcliffe Brown. Tradução do original inglês **Structure and Function in Primitive Society**, de Nathanael C. Caixeiro. Editora Vozes. Ano 1973. Páginas 270.

Difícilmente haverá livro ou artigo sobre Antropologia Social, publicado nos últimos vinte e cinco anos, que não se refira, direta ou indiretamente, aos ensinamentos do Professor Radcliffe Brown.

A publicação de **Estrutura e Função na Sociedade Primitiva**, que a VOZES lança na Coleção **Antropologia**, é de suma importância, por diversas razões. Em primeiro lugar mostra a evolução do pensamento do mestre e ao mesmo tempo ilustra algumas das mais importantes transformações no sentido da Antropologia Social. Sem contar que não poderia faltar, em nossa bibliografia, obra tão importante daquele que foi chamado o "pai da moderna antropologia social."

Este livro contém uma seleção de ensaios, que, apesar de terem sido escritos em diversas épocas, formam uma teoria coerente. Será de imensa utilidade para professores e estudantes de Antropologia Social, Etnologia, Sociologia e Ciências Humanas em geral, bem como para todos aqueles que se interessam, de uma maneira ou de outra, pelo estudo das sociedades primitivas.

O autor foi professor de Antropologia Social em universidades da Inglaterra, África do Sul, Austrália, China, Estados Unidos, Brasil (São Paulo) e em todas elas exerceu profunda influência.

SUMÁRIO

- I. O Irmão da mãe na África do Sul, página 27.
- II. Sucessão patrilinear e matrilinear, página 46.
- III. Estudo dos sistemas de parentesco, página 67.
- IV. Os parentescos por brincadeira, página 115
- V. Nota adicional sobre os Parentescos por Brincadeira, página 133.
- VI. A Teoria do Totemismo, página 191 147.
- VII. Tabu, página 167.
- VIII. Religião e Sociedade, página 191.
- IX. Sobre o Conceito de Função nas Ciências Sociais, página 220.
- X. Sobre a Estrutura Social, página 232.
- XI. Sanções Sociais, página 252.
- XII. O Direito Primitivo, página 260.

A COMUNIDADE DE QUMRAN E A IGREJA DO NOVO TESTAMENTO, Karl Hermann Schelkle, tradução do original alemão *Die Gemeinde von Qumran und die Kirche des Neuen Testaments*, das Monjas Benedictinas da Abadia de Santa Maria, S. Paulo. Edições Paulinas. Ano 1972. Páginas 140.

Este livro contém conferências para teólogos e não teólogos bem como preleções na Universidade de Tubinga. Como despertaram grande interesse o autor resolveu publicar os assuntos ventilados para círculos mais vastos. Em atenção à extensa literatura sobre Qumran é difícil escolher. O autor não pretende sejam estudos completos.

SUMÁRIO: Achados e descobertas, página 5. O ambiente circunvizinho político e religioso, página 7. São João Batista, página 15. A ética, página 33. Propriedade e pobreza, página 47. Expectativas messiânicas, página 53. Os últimos tempos e a salvação, página 65. A comunidade, página 77. Liturgia e culto, página 97. A escritura e sua exegese, página 107. São Paulo, página 113. São João, página, 119.

A HISTÓRIA E A DOCTRINA DO DIACONATO ATÉ O CONCÍLIO DE TRENTO, Frel Irineu Wilges, OFM. É a tese de doutorado em Teologia pela Pontifícia Universidade Antoniana de Roma. Ano 1970. Páginas 366.

O livro representa uma pesquisa realmente notável pela amplitude e pelo rigor com que foi conduzida. Livro raro de encontrar entre nós, inclusive porque não se têm bibliotecas que o possibilitem. O autor se dedica a um

longo, paciente e consciencioso manuseio de todas as fontes disponíveis sobre o diaconato — história e doutrina — durante o período que vai do século X até o Concílio de Trento.

Trata, primeiro da origem do diaconato; depois, da ordem do diaconato como sacramento. Em seguida, dedica-se a um longo estudo das qualidades requeridas para ser diácono. das funções e da figura importante e imponente do arqui-diácono. Enfim, a questão das diaconisas, o que coloca o problema do que os teólogos e outros escritores dos séculos passados pensavam da ordenação das mulheres.

Em cada caso embora seu estudo se refira especificamente aos anos 1000 e 1600 e tantos, o autor pesquisa também o que a respeito de cada tema dizem o Novo Testamento, a Patrística e outros autores até o século X. A Bibliografia inclui as fontes e a literatura sobre as fontes. Mas o autor se entregou a um trabalho mais pessoal sobre as próprias fontes.

Aliás, no tocante ao diaconato na Idade Média que é o centro nervoso da tese, a literatura é quase inexistente. Daí a importância da pesquisa de Irineu Wilges, franciscano brasileiro, nascido em 1936 em Santa Cruz do Sul, RS. Os documentos referentes à época pesquisada, os textos básicos são quase absolutamente desconhecidos e andavam perdidos em raras bibliotecas. O autor os desenterrou, não só para comentá-los por alto, mas para transcrevê-los integralmente nas notas e traduzi-los, deixando-os assim à nossa disposição e permitindo-nos — é esta expressamente sua vontade — um conhecimento direto de modo que poderemos chegar, quem

sabe, a conclusões e interpretações diferentes das suas.

O diaconato é um tema atual, neste momento de restauração do diaconato permanente e, de modo geral, de redescoberta da pluralidade dos ministérios eclesiais. Seria importante conhecermos lucidamente o sentido do diaconato, sua história, seu valor teológico, inclusive para haver mais motivação em torno da propalada restauração que não parece ter suscitado grande entusiasmo.

O estudo de Frei Irineu Wilges, OFM tem outro valor. — Mostrando através das variadas conjunturas as vicissitudes por que passou o diaconato, pode fazer-nos entender a relatividade das formas ministeriais e nos ajudará a distinguir melhor o que é transitório e o que é permanente no cristianismo.

O leitor gostará do tratamento que o autor deu aos seus temas. Não obstante sobrecarga das expressões gregas que levarão muito leitor a tropeçar na leitura de algumas páginas, o texto é agradável de ler, o estilo é direto, fácil, perfeitamente legível. A erudição foi rejeitada para as notas ao pé da página, com muito latim, alemão, francês etc. Isto não atrapalha em nada a leitura. E é bom para o leitor mais exigente.

Podíamos desejar que se evitassem aqui e ali erros de linguagem que se explicam pela longa ausência do país e por outras coisinhas. Mas o que pode enfeiar o texto não desmerece o valor da pesquisa cientificamente conduzida e da reflexão cristã sobre um tema que tem, no momento uma enorme atualidade.

CIRCULOS BÍBLICOS. Introdução Geral. Guia do Dirigente. Carlos Mesters, Carmelita. Editora Vozes. Ano 1973. Páginas 32.

CIRCULOS BÍBLICOS. A sabedoria do povo. Aprender da vida. Carlos Mesters, Carmelita. Editora Vozes. Ano 1973. Páginas 30.

CIRCULOS BÍBLICOS. A sabedoria do povo. Ser aluno de bom senso. Carlos Mesters, Carmelita. Editora Vozes. Ano 1973. Páginas 32.

CIRCULOS BÍBLICOS. A sabedoria do povo. Suplemento. Carlos Mesters. Carmelita. Editora Vozes. Ano 1973. Páginas 35.

Quatro opúsculos interessantíssimos para iniciar na leitura da Bíblia em confronto com a leitura dos acontecimentos e da vida da gente. Uma aplicação prática das intuições notáveis do notável biblista carmelita de Belo Horizonte. Depois de uma introdução geral, Frei Carlos vai dando roteiros para círculos bíblicos, a começar pela leitura de um dos livros sapienciais.

Trata-se de uma "sabedoria do povo". E a intenção do autor parece ser a de mostrar que hoje podemos ler nossa vida como faziam os autores sagrados no seu tempo. No quarto volume dá-se uma visão geral dos sapienciais e estuda-se a "filosofia" dos "círculos bíblicos", as cinco colunas que sustentam a leitura da Bíblia, a razão pela qual vale ainda a pena ler o Antigo Testamento.

Enfim, uma introdução aos livros da sabedoria hebraica, em especial ao livro de Jesus, filho de Sirac e uma meditação sobre o problema da tradução. Um magnífico instrumento de trabalho.

A VIRGEM DA UNIDADE. Comentário Espiritual ao Magnificat, José Cegalla. Editora Vozes. Ano 1973. Páginas 85.

A Igreja nasceu e floresceu sob os auspícios maternos da Mãe de Deus. É o que explica a rápida extensão do cristianismo, a brilhante floração de virtudes, a caridade e a união evangélicas extraordinárias dos albores da religião de Cristo. A mãe de Deus lá estava, qual anjo tutelar da Igreja, para jamais colocá-la em situação contrária à sua própria atitude de humildade e de serviço, ela que desejava primeiramente ser a serva do Senhor.

MACUMBA, Cultos Afro-Brasileiros: Candomblé, Umbanda, Observações Pastorais, CNBB Leste 1. Ano 1972. Páginas 70.

A finalidade desta publicação é didática. Quer facilitar aos agentes pastorais o conhecimento dos cultos afro-brasileiros, atendendo a urgente apelo da Comissão Episcopal Leste 1. Assim se explicam as três partes que estruturam o opúsculo.

A primeira é descritiva. Para redigi-la inspiramo-nos no roteiro seguido pelo Padre Valdeli Carvalho Costa SJ, em curso ministrado na Escola Teológica Beneditina. Assistimos aos cursos, fomos diversas vezes a terreiros para sentir ao vivo os cultos de origem africana, sobretudo a Macumba Carioca. Recorremos depois à bibliografia já existente sobre o assunto e procuramos resumir de modo coerente e simples.

A segunda parte consta de dois painéis, realizados no Secretariado Leste

Em nossos tempos tão confusos e perturbados, à volta à veneração equilibrada e autêntica à Virgem Maria levará a Igreja ao esplendor primitivo da fraternidade entre os cristãos e apresentará a unidade de católicos, ortodoxos e protestantes.

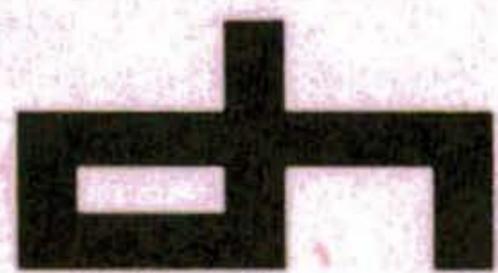
A partilha dos humildes é a alegria, alegria profunda e duradoura que Maria nos ensina ao entoar o seu Magnificat, entrelaçamento de alegria e gratidão do pobre e do humilde abençoados por Deus e sobrenadando em seus benefícios.

1, em 1969, sob a coordenação do sociólogo Brasil Rodrigues que então procurava organizar ali uma Agência Regional de Estatística Religiosa. Recolhemos do gravador algumas palestras que podiam oferecer subsídios interessantes para os objetivos do opúsculo. Incluem colaborações não só dos religiosos Frei Boaventura Kloppenburg e Frei Raimundo Cintra, mas ainda de especialistas não católicos como o etnólogo Edson Carneiro e o Dr. Cavalcanti Bandeira, Secretário da Federação Umbandista Brasileira.

A terceira parte, enfim, consta de observações pastorais, um tanto assistemáticas, sem dúvida, porque provenientes de várias fontes e debates mas que tocam pontos importantes e dão sugestões úteis para a avaliação teológico-pastoral do problema.

O MELHOR QUE SE PODE FAZER PELO BRASIL É CRESCER COM ELE.

O Banco Denasa tem crescido com este país. Ajudando-o a crescer. No momento em que você le este anúncio, pode haver um especialista do Banco Denasa orientando um investimento. Processando financiamentos mais rápidos. Procurando dar maior rendimento às aplicações de pessoas como você. É a nossa maneira de semear progresso e desenvolvimento. Fazendo crescer indivíduos. Empresas. E mesmo uma nação.



BANCO DENASA
de investimento s.a.

dirigido por nomes que você conhece

Presidente do Conselho de Administração
Juscelino Kubitschek

BRASÍLIA - RIO - SÃO PAULO - BELO HORIZONTE